



CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO
DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS



Subsídio Litúrgico-Pastoral 2021

"Ostentai a Palavra da Vida"

(cf. Fl 2, 16)

Um agradecimento especial a:

Doutora Elisabetta Casadei

Pontifícia Universidade Gregoriana

Doutor Guillermo Acero Alvarín

Reitor do Colégio de São João Eudes, Roma

Introdução

Ostentando a Palavra da vida (Fl 2,16)

A expressão bíblica com a qual, este ano, se pretende celebrar o *Domingo da Palavra de Deus* é tirada da Carta aos Filipenses: “Ostentando a Palavra da vida” (Fl 2,16). Como se deduz de algumas referências, o apóstolo escreve a carta a partir da prisão. Representa certamente um dos textos mais importantes que a Igreja tem nas mãos. O texto cristológico com o qual Paulo põe em evidência a *kenosis* do Filho de Deus quando Se fez homem continua a ser, ao longo de toda a nossa história, uma espécie de ponto de referência sem retorno para compreender o mistério da encarnação. A liturgia nunca deixou de rezar com este texto. A teologia assumiu-o como um dos conteúdos principais para a inteligência da fé. O testemunho cristão encontrou nestas palavras o fundamento para edificar o serviço pleno da caridade. Se, por um lado, esta carta exprime os conteúdos essenciais da pregação do apóstolo, por outro lado, mostra também como a comunidade cristã precisa de crescer no conhecimento do Evangelho.

Com o nosso versículo, o apóstolo pretende expor um ensinamento importante à comunidade cristã para lhe indicar de que modo é chamada a viver no mundo. Recorda, desde logo, a importância que os cristãos devem atribuir ao seu esforço da salvação, precisamente em virtude do acontecimento realizado no Filho de Deus que Se fez homem e Se entregou à violência da morte na cruz: “Trabalhai com temor e tremor para a vossa salvação” (Fl 2,12). Nenhum cristão pode pensar que pode viver no mundo prescindindo deste acontecimento de amor que transformou a sua vida e toda a história. É verdade que Paulo não esquece que, por muito que os cristãos se esforcem por chegar à salvação, permanece sempre o primado da ação de Deus: “É Deus que opera em vós o querer e o agir segundo os seus desígnios de amor” (Fl 2,13). O conjunto destes dois elementos permite compreender as palavras comprometedoras que o apóstolo dedica agora aos cristãos de Filipos, tendo diante dos olhos os crentes que, ao longo dos séculos, virão a ser discípulos do Senhor.

O primeiro compromisso que os crentes devem assumir é a coerência de vida. O apelo a ser “irrepreensíveis” e “puros” num mundo em que, muitas vezes, predomina a falsidade e a esperteza remete para a palavra de Jesus quando convidava os seus discípulos: “Eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos. Portanto, sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10,16). Para que isto possa realizar-se, Paulo indica o caminho a seguir: os cristãos têm o dever de permanecer fiéis e unidos à Palavra de Deus. “Ostentando a palavra da vida”, os discípulos de Cristo “brilham como estrelas no mundo”. É uma bela imagem, esta que o apóstolo nos deixa hoje também a todos nós. Vivemos num momento dramático. A humanidade pensava que tinha alcançado as mais sólidas certezas da ciência e as soluções de uma economia para garantir segurança de vida. Hoje vê-se estrangida a verificar que nenhuma das duas garante o futuro. Emerge fortemente a desorientação e a desconfiança devido à incerteza que sobreveio inesperadamente. Também nestas circunstâncias, os discípulos de Cristo têm a responsabilidade de pronunciar uma palavra de esperança. Poderão fazê-lo na medida em que permanecerem

firmemente ancorados na palavra de Deus que gera vida e se apresenta cheia de sentido para a existência pessoal.

A interpretação mais autorizada deste versículo talvez seja a de Vitorino. Este grande orador romano, cuja conversão é descrita por Agostinho nas *Confissões*, escrevia no seu *Comentário aos Filipenses*: “Glorio-me em vós porque possuís a palavra da vida, isto é, porque conheceis Cristo, que é a Palavra da vida, porque o que é feito em Cristo é vida. Portanto, Cristo é a Palavra da vida; com isto, percebemos como são grandes o lucro e a glória daqueles que suportam as almas dos outros”. O meu desejo que se transforma em oração é este: no *Domingo da Palavra de Deus*, descobrir a responsabilidade de trabalhar para que esta Palavra cresça no coração dos crentes e os anime de alegria pela evangelização.

✠ Rino Fisichella

1. A Palavra de Deus em Comunidade

📖 A Sagrada Escritura ensina a confiar sempre em Deus apesar dos problemas e das adversidades que se possa encontrar (cf. *Is* 26,1-6).

📖 É oportuno que a comunidade cristã se reúna para venerar e proclamar a Palavra de Deus, bem como para meditar e rezar com essa mesma Palavra.

1.1. Algumas considerações práticas sobre a Covid-19

Tendo em conta a presente situação pandémica, recomenda-se aos organizadores do Domingo da Palavra de Deus que estejam sempre atentos às normas sanitárias em vigor e que adaptem o desenrolar comunitário da iniciativa a essas mesmas regras.

Para viver frutuosamente o *Domingo da Palavra de Deus* em comunidade, é essencial prepará-lo com grande antecedência. É bom que os preparativos tenham o seu lado espiritual (oração pessoal e comunitária pelo êxito da iniciativa e pela abertura de coração à Palavra de Deus) e material (programação adequada, correspondendo à vida da comunidade de cada um).

1. Criar um grupo responsável

O primeiro passo a dar é instituir um grupo de pessoas que possa organizar e coordenar o desenrolar das iniciativas pastorais para este *Domingo*. Este grupo de pessoas encarregar-se-á de:

- rezar pelo êxito da iniciativa;
- programar as várias iniciativas (apresentar propostas para as várias faixas etárias, realizar um momento de caráter cultural, histórico e bíblico);
- escolher outras pessoas adequadas para a execução do programa;
- orçamentar eventuais despesas;
- preparar o material necessário;
- publicitar as informações a respeito deste *Domingo*;
- chegar às pessoas com dificuldades (doentes, clínicas, hospitais, prisões, associações de caridade...);
- envolver, na medida do possível, pessoas de outras religiões e confissões cristãs, bem como não crentes.

2. Preparar-se espiritualmente

É útil recordar, em primeiro lugar, que a Bíblia não é apenas um texto de alto valor cultural, moral, histórico, social ou artístico, capaz de inspirar o pensamento do homem de hoje. A Bíblia encerra em si a Palavra de Deus que é “viva e eficaz, mais cortante que uma espada de dois gumes; ela penetra até ao ponto de divisão da alma e do espírito, das articulações e medulas, e é capaz de discernir os pensamentos e intenções do coração” (*Heb 4, 12*).

Para encontrar-se com a Palavra viva, é necessário concentrar-se sobretudo na preparação espiritual, pedindo a abertura de coração para nós e para aqueles a quem será proclamada durante o *Domingo da Palavra de Deus*. Por conseguinte, os preparativos para programar a iniciativa exigem que se parta da oração individual e comunitária.

Pelo menos uma semana antes do acontecimento, as comunidades poderiam incluir na oração dos fiéis uma intenção pelo bom êxito do acontecimento.

Os membros do grupo responsável, bem como os catequistas, os evangelizadores e outras pessoas responsáveis pela proclamação do Evangelho, poderiam organizar uma Adoração silenciosa do Santíssimo Sacramento, oferecida pela celebração do *Domingo da Palavra de Deus*.

3. *Programar o acontecimento*

A proposta para o desenrolar da iniciativa deveria ser dirigida tanto às comunidades como às pessoas individualmente, tendo sempre presente que a Bíblia é a Palavra viva de Deus e que o seu incontestável valor cultural tem múltiplas conotações.

4. *Envolver os fiéis*

A informação a respeito do acontecimento deve ser publicitada com grande antecedência para chegar ao maior número possível de pessoas.

Não há dúvida que o convite pessoal é o modo mais direto para informar as pessoas sobre a iniciativa.

Também se pode utilizar folhetos e desdobráveis, que podem facilmente ser distribuídos às pessoas e afixados nos placards.

As redes sociais como *facebook*, *twitter* e outros programas ou *apps* devem ser valorizados para chegar ao maior número possível de pessoas.

5. *Viver o Domingo da Palavra de Deus*

É importante favorecer o encontro pessoal e comunitário com a Palavra viva.

Somos chamados a tornar-nos instrumentos nas mãos do Senhor e a ter presente que, “assim como a chuva e a neve que descem do céu não voltam para lá sem terem regado a terra, sem a terem fecundado e feito produzir, para que dê a semente ao semeador e o pão para comer, também a palavra que sai da minha boca não volta sem ter produzido o seu efeito, sem ter cumprido a minha vontade, sem ter realizado a sua missão” (*Is 55,10-11*).

6. *Continuar a experiência da Palavra de Deus*

Termina o *Domingo*, mas a Palavra de Deus não deixa de agir nos nossos corações. Seria oportuno criar possibilidades de formação (por exemplo: *Lectio divina* semanal ou mensal, grupo bíblico, etc.) onde se possa continuar o encontro com a Palavra de Deus, disponibilizando uma possibilidade para a formação permanente dos fiéis.

Apresentamos, em seguida, algumas propostas pastorais, que podem ajudar a sublinhar a importância do *Domingo da Palavra de Deus* em comunidade. De acordo com o contexto de cada comunidade, podem desenvolver-se outras como: Instituição dos leitores por parte do Bispo, *Lectio continua* de um texto, entrega da Palavra nos diversos contextos, momentos culturais de aprofundamento, audiodramas sobre as personagens bíblicas, momentos de formação, celebração ecuménica.

1.2. Rito de entronização da Palavra de Deus durante a Santa Missa

É desejável que o rito de entronização tenha lugar pelo menos uma vez, durante a celebração eucarística mais solene no *Domingo da Palavra de Deus*.

Junto do altar, ou então do ambão, ou noutro lugar adequado para esse efeito (uma capela), prepare-se um lugar visível por toda a assembleia, elevado e adornado, onde se possa colocar o texto sagrado.

A Santa Missa inicia como habitualmente – conforme as possibilidades, favoreça-se a procissão solene com o turíbulo, a naveta, a cruz e as velas, levando o Evangeliário de acordo com os costumes da Igreja romana.

Depois da saudação inicial, introduz-se com estas palavras ou outras semelhantes:

“Cumpriu-se o tempo” – diz o Senhor no Evangelho. Não esperes por outro momento, não adies para o futuro a possibilidade de te encontrares com Deus na sua Palavra! “Arrepende-te e acredita no Evangelho” significa: muda de vida e acolhe a Boa Nova, a Palavra que Deus Pai nos mandou. Só assim poderás conhecer o amor de Deus que, no seu Filho encarnado, nos revelou o verdadeiro rosto do Pai misericordioso.

Celebra-se, hoje, em toda a Igreja, o *Domingo da Palavra de Deus*. Queremos abrir o nosso coração à presença divina nas Sagradas Escrituras e descobrir o sentido do nosso tempo.

Para podermos acolher dignamente a Palavra durante esta celebração, comecemos por pedir perdão ao Senhor.

Segue-se o ato penitencial, que poderia ser o seguinte:

C. O Senhor Jesus, que nos convida à mesa da Palavra e da Eucaristia, chama-nos à conversão. Reconheçamos que somos pecadores e invoquemos confiadamente a misericórdia de Deus.

C. Senhor, Vós sois o caminho que conduz ao Pai, Senhor, tende piedade de nós.

R. Senhor, tende piedade de nós.

C. Cristo, que tudo sustentais com o poder da vossa Palavra, Cristo, tende piedade de nós.

R. Cristo, tende piedade de nós.

C. Senhor, que fazeis passar da morte à vida quem escuta a vossa Palavra, Senhor, tende piedade de nós.

R. Senhor, tende piedade de nós.

C. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

R. Amen.

Canta-se o *Glória* e depois dá-se início à Liturgia da Palavra como de costume.

ENTRONIZAÇÃO

Para a proclamação do Evangelho leva-se em procissão o Evangelário do altar para o ambão, onde é incensado. No fim da leitura do Evangelho, o ministro, depois de ter beijado o texto sagrado, leva-o em procissão para o trono, onde é colocado, aberto e incensado.

Segue-se a homilia e a Santa Missa como é habitual.

Poderia utilizar-se a seguinte oração dos fiéis, modificando-a de acordo com as necessidades da comunidade:

ORAÇÃO DOS FIÉIS

C. Irmãos e irmãs, escutámos a voz do Senhor, que nos chama pelo nome e nos pede para abrir o nosso coração ao Evangelho. Apresentemos a Deus Pai as nossas intenções, para acolher em nós a sua Palavra, dizendo: **Abri, ó Pai, o nosso coração!**

1. Para que a Igreja nunca se canse de anunciar o Evangelho e de levar a Bela Notícia sobretudo às periferias da existência humana, oremos.
2. Para que o Espírito Santo acompanhe os Bispos, os Presbíteros e os Diáconos na sua vocação, transformando a sua vida em oferta agradável a Deus, oremos.
3. Para que os leitores, os catequistas e todos os que espalham a Palavra de Deus em várias comunidades tenham consciência de que são chamados por Deus, para proclamar o seu Reino no meio dos povos, oremos.
4. Para que cada um de nós acolha o convite de Jesus à conversão e, seguindo a vocação de cada um, viva com alegria o Evangelho, oremos.

C. Nós Vos abrimos o nosso coração, ó Pai, para possais vir habitar no meio de nós. Por Cristo, nosso Senhor.

R. Amen.

No fim da celebração, pode-se abençoar o povo com a seguinte fórmula (Tempo Comum V):

C. Deus todo-poderoso afaste de vós toda a adversidade e derrame sobre vós a abundância das suas bênçãos.

R. Amen.

C. O Senhor ilumine os vossos pensamentos com a luz da palavra divina, para que possais alcançar a felicidade eterna.

R. Amen.

C. Deus vos ajude a compreender o que é bom e justo, para que, percorrendo sempre os caminhos dos seus mandamentos, tomeis parte na herança dos Santos no Céu.

R. Amen.

C. Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, Filho + e Espírito Santo.

R. Amen.

1.3. Vésperas para o Domingo da Palavra de Deus

O Domingo da Palavra de Deus, a celebrar no contexto da *Semana de oração pela unidade dos cristãos*, é uma ocasião propícia para nos unirmos em oração a todos aqueles que partilham a Sagrada Escritura como património comum. Os Salmos da Bíblia oferecem a todos palavras para se dirigirem a Deus num colóquio de amor para Lhe apresentar a sua vida e deixar que seja Ele a transformá-la. O Papa Bento XVI afirmava que “nos Salmos, encontramos articulada toda a gama de sentimentos que o homem pode ter na sua própria existência e que são sapientemente colocados diante de Deus; alegria e sofrimento, angústia e esperança, medo e perplexidade encontram lá a sua expressão” (*Verbum Domini*, 24).

Esta oração é um convite a «ostentar a palavra da vida» através do Salmos, para que toda a atividade humana seja inspirada pelo “louvor prestado a Deus” (*Verbum Domini*, 62).

INVOCAÇÃO INICIAL

V. Deus, vinde em nosso auxílio.

R. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos.

Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo,
como era no princípio,
agora e sempre. Amen. Aleluia.

HINO

Lentamente o sol se apaga
Nos campos, montes e mares,
Mas deixa-nos a promessa
De renascer cada dia.

Em Vós, Senhor, admiramos
A divina providência,
Que tanto regula as sombras
Como a luz dos tempos vários.

Cheios de fé e de esperança,
Caminhamos no esplendor
Da luz que o Verbo nos trouxe
Da glória do eterno Pai.

Ele é o sol infinito
Que ilumina a terra inteira

E prepara para as almas
As alegrias eternas.

À Santíssima Trindade
Novo cântico se eleve,
Cada vez mais alto e puro
Pelos séculos dos séculos. Amen.

Antífona 1

A vossa palavra é farol para os meus passos e luz dos meus caminhos, aleluia.

SALMO 119 (118) Promessa de observar os mandamentos de Deus

É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei. (Jo 15,12).

A vossa palavra é farol para os meus passos *
e luz para os meus caminhos.
Jurei e estou decidido *
a guardar os vossos justos juízos.

Estou em grande aflição, Senhor, *
fazei-me viver, segundo a vossa palavra.
Senhor, aceitai os louvores da minha boca *
e dai-me a conhecer os vossos juízos.

A minha vida anda em constante perigo, *
mas nunca me esqueço da vossa lei.
Embora os pecadores me armem um laço, *
nunca me afasto dos vossos preceitos.

As vossas ordens são a minha herança eterna, *
são elas que dão alegria ao meu coração.
Habituei o meu coração a cumprir os vossos decretos, *
até ao fim e para todo o sempre.

Glória ao Pai e ao Filho *
e ao Espírito Santo,
como era no princípio, *
agora e sempre. Amen.

Antífona 1

A vossa palavra é farol para os meus passos e luz dos meus caminhos, aleluia.

Antífona 2

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

SALMO 112 (111) A felicidade do justo

Procedei como filhos da luz. O fruto da luz consiste na bondade, na justiça e na verdade (Ef 5,8-9).

Feliz o homem que teme o Senhor *
e ama ardentemente os seus preceitos.
A sua descendência será poderosa sobre a terra, *
será abençoada a geração dos justos.

Haverá em sua casa abundância e riqueza, *
a sua generosidade permanece para sempre.
Brilha aos homens retos, como luz nas trevas, *
o homem misericordioso, compassivo e justo.

Ditoso o homem que se compadece e empresta *
e dispõe das suas coisas com justiça.
Este jamais será abalado, *
o justo deixará memória eterna.

Ele não receia más notícias, *
seu coração está firme, confiado no Senhor.
O seu coração é inabalável, nada teme, *
e verá os adversários confundidos.

Reparte com largueza pelos pobres, *
a sua generosidade permanece para sempre †
e pode levantar a cabeça com altivez.
Ao vê-lo, o ímpio fica indignado, *
range os dentes e desfalece: †
os desejos dos ímpios saem frustrados.

Glória ao Pai e ao Filho *
e ao Espírito Santo,
como era no princípio, *
agora e sempre. Amen.

Antífona 2

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Antífona 3

Ao nome de Jesus, todos se ajoelhem no céu e na terra. Aleluia.

CÂNTICO Fl 2, 6-11 **Cristo, servo de Deus**

Cristo Jesus, que era de condição divina, *
não Se valeu da sua igualdade com Deus, †
mas aniquilou-Se a Si próprio.
Assumindo a condição de servo, *
tornou-Se semelhante aos homens.
Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, *
obedecendo até à morte e morte de cruz.

Por isso Deus O exaltou *
e Lhe deu o nome que está acima de todos os nomes,
para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem, *
no céu, na terra e nos abismos,
e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, *
para glória de Deus Pai.

Glória ao Pai e ao Filho *
e ao Espírito Santo,
como era no princípio, *
agora e sempre. Amen.

Antífona 3

Ao nome de Jesus, todos se ajoelhem no céu e na terra. Aleluia.

LEITURA BREVE Tiago 1,16-25

Não vos deixeis enganar, caríssimos irmãos. Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vêm do alto, descem do Pai das luzes, no qual não há variação nem sombra de mudança. Foi Ele que nos gerou pela palavra da verdade, para sermos como primícias das suas criaturas. Cada qual seja pronto para ouvir, lento para falar e lento para se irar, porque a ira do homem não realiza a justiça de Deus. Por isso, renunciando a toda a imundície e a todos os vestígios de maldade, acolhei docilmente a palavra que em vós foi plantada e pode salvar as vossas almas. Sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes, pois seria enganar-vos a vós mesmos. Quem ouve a palavra e não a cumpre é como alguém que observa o seu rosto num espelho e, depois de observar a própria fisionomia, vai-se embora e logo se esquece como era. Mas aquele que se aplica atentamente a considerar a lei perfeita, que é a lei da liberdade, e nela persevera, sem ser um ouvinte que se esquece, mas que efetivamente a cumpre, esse encontrará a felicidade no seu modo de viver.

RESPONSÓRIO BREVE

R. Deus Pai gerou-nos pela palavra da verdade.

Deus Pai gerou-nos pela palavra da verdade.

V. Ele pode salvar as nossas almas,
pela palavra da verdade.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.
Deus Pai gerou-nos pela palavra da verdade.

Antífona do Magnificat

Vinde comigo, diz o Senhor. Farei de vós pescadores de homens.

CÂNTICO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA (Lc 1,46-55)

A alegria da alma no Senhor

A minha alma glorifica ao Senhor *
e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua serva: *
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: *
Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração *
sobre aqueles que O temem.

Manifestou o poder do seu braço *
e dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos *
e exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens *
e aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo, *
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais, *
a Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho *
e ao Espírito Santo,
como era no princípio, *
agora e sempre. Amen.

Antífona do Magnificat

Vinde comigo, diz o Senhor. Farei de vós pescadores de homens.

PRECES

V. Invoquemos a Deus nosso Pai, que admiravelmente criou o mundo e de modo ainda mais admirável o redimiu, e sempre o renova no seu amor. E digamos com alegre confiança:

R. *Renovai, Senhor, as maravilhas do vosso amor.*

Por obra do Espírito Santo e pela aceitação da Virgem Maria, vossa Serva, fizestes que o Verbo habitasse entre nós,

– dispõe os nossos corações para receber a Cristo como a Virgem Maria O recebeu.

Por Jesus Cristo, vosso Filho, vencedor da morte e príncipe da paz,

– livrai-nos das dúvidas e da angústia, para que Vos sirvamos sempre na alegria e no amor.

A todos os que amam a justiça e por ela trabalham,

– ajudai-os a colaborar, com sinceridade e concórdia, na edificação de um mundo melhor.

Socorrei os oprimidos, libertai os presos, consolai os aflitos, dai pão aos famintos, fortalecei os fracos,

– para que em todos se manifeste o triunfo da cruz.

Vós que ressuscitastes gloriosamente a Cristo, vosso Filho, depois da humilhação da morte e do túmulo,

— fazei que os nossos defuntos cheguem também à plenitude da vida.

Podem acrescentar-se algumas intenções livres.

PAI NOSSO

Concluamos a nossa oração reconhecendo que somos filhos do mesmo Pai. Digamos juntos:

Pai nosso, que estais nos céus,
santificado seja o vosso nome;
venha a nós o vosso reino;
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje;
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido;
e não nos deixeis cair em tentação;
mas livrai-nos do mal.

ORAÇÃO

Deus todo-poderoso e eterno, dirige a nossa vida segundo a vossa vontade, para que mereçamos produzir abundantes frutos de boas obras, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho. Ele que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

R. Amen.

V. O Senhor nos abençoe, nos livre de todo o mal e nos conduza à vida eterna.

R. Amen.

1.4. Lectio Divina sobre Fl 2,12-18

1. Preparação para a escuta da Palavra (statio)

Preparar-se para escutar a Palavra é fazer a *passagem de ouvir a escutar*. É fácil ouvir as palavras da Escritura; menos fácil é escutar a Palavra que vibra nas suas páginas. As palavras podem irromper e quebrar silêncios; já a Palavra pede “*autorização*”. É discreta, como quem nos quer bem, e só Ela – paradoxalmente! – tem a chave para abrir, por dentro, a porta do nosso coração: a *chave do Espírito Santo*. O mesmo Espírito que a inspirou e que continua a inspirá-la nos crentes.

Invoquemo-lo, portanto, para que a Palavra que vamos escutar seja um encontro com o Senhor Ressuscitado.

Vinde, Espírito Santo. Vós sois Aquele que consagrou Jesus com a unção, enviando-O para levar aos pobres a alegre notícia; Vós sois Aquele que, com o Batismo, nos destes a graça de nos tornarmos filhos de Deus e membros vivos da Igreja; Vós sois Aquele que, no sacramento da Confirmação, infundiu em nós a coragem para anunciar e testemunhar...

Enchei-nos com a vossa presença e a vossa força, com a vossa audácia e a vossa graça. Dai-nos a graça de compreender que Deus continua, hoje, a chamar para o serviço da evangelização. Ajudai-nos a participar neste serviço, vivendo-o na comunhão e na solidariedade. Amen.

2. Proclamação da Palavra: Fl 2, 12-18

Portanto, caríssimos, obedientes como sempre tendes sido, trabalhai com temor e tremor para a vossa salvação, não só como fazíeis na minha presença, mas agora muito mais na minha ausência. Na verdade, é Deus que opera em vós o querer e o agir segundo os seus desígnios de amor. Fazei tudo sem murmurar nem discutir, para serdes irrepreensíveis e puros, filhos de Deus sem mancha, no meio duma geração perversa e depravada, onde brilhais como estrelas no mundo, ostentando firmemente a palavra da vida. Será esse o meu título de glória no dia de Cristo, por eu não ter corrido inutilmente, nem ter trabalhado em vão. Mas ainda que eu tenha de derramar o meu sangue em libação sobre o sacrifício e a oblação da vossa fé, alegro-me e congratulo-me com todos vós. E vós também, alegrai-vos e congratulai-vos comigo.

3. *Leitura orante (lectio)*

Releiamos o texto, agora a nível pessoal; leiamos também o trecho anterior – *Fil 2, 1-11* – porque é o contexto que o precede e o ilumina. Nesta releitura, é bom que tenhamos à mão um lápis. *Sublinhemos* os verbos de ação, os sujeitos, os substantivos, os adjetivos. Não devoremos o texto com sofreguidão, mas assimilemo-lo lentamente, deixando *escorrer* e *recorrer* na mente e no coração, como as ondas que rebentam com suavidade na areia.

Pouco a pouco, os significados emergem (os sentimentos e os desejos de Paulo, o agir de Deus, o estilo de vida da comunidade, o perfil e o coração de Cristo Jesus), mesmo sem métodos exegéticos sofisticados. Veremos, efetivamente, que “não é o muito saber que sacia ou satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas interiormente” (Inácio de Loyola).

Esta leitura calma *não é uma canseira inútil*, uma perda de tempo: é o Espírito que dá a volta ao trinco da nossa porta, para deixar entrar o grande Rei, o Esposo da alma e da nossa comunidade.

Terminada a leitura do texto, ler-se-ão agora os *textos paralelos*, uma vez que a primeira chave que abre a Escritura é a própria Escritura (*Catecismo da Igreja Católica*, 112). O olhar alarga-se e torna-se mais profundo; o coração e o mistério de Cristo tornam-se cada vez mais evidentes, próximos, luminosos.

4. *Meditação (meditatio)*

A leitura que fala ao coração (*cor ad cor loquitur*) abre à meditação, à reflexão e às interrogações. Numa palavra: abre ao *diálogo com o Senhor*, animado e guardado pelo *Espírito Santo, como nas mãos de uma mãe*, como sob as asas da galinha.

Que me diz o texto? Que está o Senhor a dizer-me? Reconheço que está presente e age na minha história? Na nossa história? Na história da humanidade? Que está Ele a sugerir à minha comunidade? Que atitudes interiores deseja? Que atitudes corrigir? Que atitudes amadurecer ainda mais? Que pensamentos e desejos deseja que vivam no meu coração? Que modos de agir e de falar poderiam ser revistos? Que irmãos feri/ferimos? Que irmãos dominei/dominámos? Que irmãos descartei/descartámos?

Para promover e agilizar este diálogo com a Palavra, e fortalecer o espírito missionário da nossa comunidade, fornece-se uma explicação exegético-espiritual o texto.

“A Palavra mistura-se com a história e transfigura-a com uma comunidade”

a. O nosso grito

Encontramo-nos diante de uma Palavra que se mistura com a história e diante de uma história que é transformada e transfigurada pela Palavra. Isto acontece, passando por uma pequena

comunidade, capaz de amar. Sim, porque “os homens fazem histórias, mas Deus faz a História” (P. Oreste Benzi). Bem que precisávamos disto. Agora. Diante de uma história que, num instante, como que foi entornada nas nossas mãos, por um inimigo tão pequeno – a Covid-19 – que nem sequer o podemos ver a olho nu. Perdidos, impotentes, zangados. E Deus onde está? Sim, perguntemos-Lho também a Ele: “Onde estás, ó Deus?” É o grito de tantos, de muitos... de todos!

b. O fundo do texto: a alegria e a história

O texto que acabámos de ler e reler inicia com um «*portanto*», pelo que se trata da conclusão de um discurso que tinha começado muito antes, mesmo no início da carta. A sua tematização vem do início do capítulo 2 (acima referido, como fundo do texto): *a alegria de Paulo e da sua comunidade*. «*Completai a minha alegria*» (2, 2) e conclui: «*Alegro-me e congratulo-me com todos vós. E vós também, alegrai-vos e congratulai-vos comigo*» (2,17-18) (o texto grego usa sempre o mesmo termo – *chara/chairo* para dizer alegria/alegrar-se).

Nas primeiras palavras, o Apóstolo recorda à sua pequena comunidade o dever de obedecer a Deus «*como fazíeis na minha presença*». Que tinha acontecido, então, naqueles poucos dias, entre 50 e 51 d.C., quando Paulo chegou a Filipos pela primeira vez e implantou a primeira Igreja na Europa?

c. Paulo em Filipos: Deus transtorna e inverte todos os projetos

Aqueles pequenos dias, mas muito intensos, são narrados ao pormenor em *At* 16,6-40. Poderiam ser definidos como um seguimento ininterrupto de *contrariedades* e de *surpresas*. Paulo, acompanhado por Silas e pelo jovem Timóteo, não consegue fazer o que quer: Aquele que “opera o querer e o agir” leva-o para onde ele não quer e, sobretudo, como ele não teria imaginado nem, muito menos, escolhido fazer.

Por duas vezes, de facto, o Espírito obstrui o “seu” caminho; depois, fá-lo ouvir o grito de quem tinha necessidade urgente do anúncio do Evangelho: «*Passa à Macedónia e vem ajudar-nos!*» suplica-lhe um macedónio (vv. 6-10).

Chegado a Filipos, primeira cidade macedónia da fronteira europeia (cf. v. 12), colónia de militares romanos na reserva, procura encontrar-se com os poucos judeus reunidos em oração em dia de sábado. Mas quem encontra nas margens do rio Gangites? *Não pios judeus dados à leitura da Torah, mas mulheres*, que talvez estivessem a lavar roupa. Uma delas, Lídia, a quem «*o Senhor abriu o coração*», «*obrigou-os*» a ficar na sua casa (vv. 14-15): uma mulher abastada (e bastante insistente!), juntamente com a sua família, tornam-se assim os primeiros cristão europeus, batizados por Paulo.

Como se os extravios não fossem já suficientes, outra mulher, uma jovem escrava, que era adivinha de profissão, fá-lo perder a paciência («*já agastado*», v. 18); mas o estouro ficou-lhe caro: sob pressão de quem a explorava, «*os magistrados mandaram que lhes arrancassem as vestes e os açoitassem e, depois de lhes terem dado muitas vergastadas, meteram-nos na cadeia*» (vv. 22-23).

Perguntemo-nos: que terão pensado Paulo e os seus companheiros, a não ser: “Missão fracassada!”?

Mas precisamente «*no calaboiço interior da prisão*» (v. 24), *no ponto mais baixo em que podia cair a dignidade de um cidadão romano, terminam as “histórias dos homens” e começa a manifestar-se a “História de Deus”*: aquele carcereiro, que devia estar bem atento, ajuda-os a sair(!), lava-lhes as feridas e não pede para salvar a pele, mas para salvar a vida, com toda a sua família (cf. vv. 30-34); aqueles magistrados, que deviam condená-los, de improviso dispõem a sua libertação, «*ficaram muito assustados e foram pedir-lhes desculpa*» (vv. 35.38-39).

Bem, através de duas mulheres, uma rica obstinada e uma jovem escrava, e por meio da infame sede de lucro de quem tirava partido dela, o Espírito Santo muda a história da Europa: *a Palavra de Deus come que fez cair as muralhas romanas aos pés – incrédulos – dos apóstolos!*

Este é o primeiro núcleo da comunidade de Filipos: a família de um carcereiro e de uma comerciante de púrpura. Foram eles que «*obedeceram*» à História de Deus, juntamente com Paulo, que na prisão, «*por volta da meia noite, em oração, entoava louvores a Deus*» (v. 25), mas que também tinha visto todos os seus planos irem por água abaixo, a sua liberdade a ser limitada e a expirar por entre perspectivas estreitas e amargas. Os mesmos sentimentos que habitam hoje nos nossos corações diante da pandemia.

d. Os Filipenses: a Esposa evangelizadora

Tinham passado poucos anos, quando o judeu de Tarso, a partir de outra prisão, dirige a esta pequena comunidade, certamente já mais crescida a todos os níveis, uma carta, conhecida como a “*carta da alegria e da amizade*”. Nela, já não transparece o Apóstolo dos gentios, rude e impetuoso, mas o pai; mais ainda, quase o perfil do esposo: «*Trago-vos no coração [...] Deus é testemunha de que vos amo a todos no coração de Cristo Jesus*» (1,7-8); «*meus amados e queridos irmãos, minha alegria e minha coroa*» (4,1).

Agradece a Deus e reza «*sempre por todos com alegria*», porque sente que participam «*na causa do evangelho*» e «*na graça*» que lhe foi concedida (1,5.7), quase que podemos dizer, tal como uma *esposa*, que sente que está ao seu lado, *íntima e fiel, na missão que lhe foi confiada*.

Deseja partilhar com ela as vicissitudes que fizeram avançar o Evangelho, que constituem toda a sua alegria (cf. 1,18); reconhece que será salvo «*graças às vossas orações*» (1,19); e depois vem o grito do seu íntimo, o miolo da sua vida, a alma da sua alma: «*para mim viver é Cristo*»! (1,21).

Por este motivo, exorta a permanecer «*firmes no mesmo espírito, combatendo juntos e numa só alma pela fé do Evangelho, sem vos deixardes atemorizar [...], travando o mesmo combate que me vistes sustentar e, como ouvis dizer, sustento ainda*» (1,27-30).

e. *Hino à beleza da Esposa*

A este ponto da carta, o coração de Paulo derrete-se, abre-se e expande-se num hino solene, amoroso e desejoso da beleza desta “sua” Igreja-esposa, que pode enchê-lo, saciá-lo de alegria: «*Se há em Cristo alguma consolação, se há – traduzimos com os exegetas – algum conforto na caridade, se existe alguma comunhão no Espírito, alguns sentimentos de ternura e misericórdia, então completai a minha alegria, tendo entre vós os mesmos sentimentos e a mesma caridade, numa só alma e num só coração*» (2,1-2).

Traços de beleza espiritual que Paulo deseja ardentemente, mas que só poderão ser impressos no rosto desta Esposa, se os seus membros souberem renunciar à avidez do “próprio eu” (superioridade, estima, interesses), despojar-se de si mesmos (da sua vontade própria), desarmar-se uns diante dos outros (dos juízos e falatórios) e ficar no degrau mais baixo – como aquele em que está Paulo, ainda na prisão por causa do Evangelho (cf. 1,3-4).

Numa Palavra, «*tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus*» (2,5), o qual não ficou agarrado às suas prerrogativas divinas, mas despojou-Se e humilhou-Se a Si mesmo, fazendo-Se obediente até ao extremo. Uma obediência, que foi, contudo, a porta real para entrar na sua “exaltação” de Senhor da história (cf. 2,6-11).

f. *A beleza da Esposa evangelizadora*

Paulo exorta «*portanto*» a pequena comunidade a *entrar nas atitudes de Cristo, na forma como Ele “sente” e “obedece”*, não apenas como indivíduos, mas também *como comunidade* (cf. 2,5.12). A maneira como Cristo “sente”, “obedece” e “é exaltado” *não é apenas um acontecimento do passado*, mas é ainda o modo como *o Ressuscitado vive, diante do Pai, no seu Corpo eclesial* (e a forma como volta a viver e a dar-Se em cada Eucaristia).

Agindo deste modo, a primeira comunidade de Filipos – como dirá este texto – pode ser uma *esposa fecunda*: não apenas como destinatária, mas sobretudo como participante «*na causa do evangelho*» e «*na graça*» concedida ao Apóstolo de anunciar o Evangelho. Por outras palavras, ser *colaboradora na obra do anúncio* (espiritual e materialmente, cf. 4,15-18), fazendo com que a Palavra seja “viva”, eficaz, portadora de vida às “histórias dos homens”, isto é, introduzindo-as na “História salvífica de Deus”, para serem *trans-figuradas*, como aconteceu com Paulo, com Lídia, com o carcereiro e com as famílias deles. Mas avancemos por níveis.

Paulo exorta com força os seus amados a entrarem na forma de “obedecer” e “sentir” de Cristo, ou seja, a «*trabalhar com temor e tremor para a vossa salvação*» (2,), uma vez que “urge” à evangelização. Com um temor filial, confiante (cf. *1Cor 2,3; Ef 6,5*), mas também solícito, uma vez que a aposta é mesmo alta! Com efeito, na medida em que a pequena a comunidade se dá conta do apelo e da responsabilidade de Deus, «*é Deus que opera nela o querer e o agir, segundo os seus desígnios de amor*»: chama-a e fá-la como que entrar na sua História salvífica universal, numa compenetração entre o agir humano – o *querer* interior e *atuar* exterior – e o trinitário. Por outras palavras, Paulo pede a esta Igreja-esposa um amor profundo: a *docilitas amoris* (docilidade no amor). E desafia as suas exigências, que perfuram a alma até à carne viva:

- «*Fazei tudo – mesmo tudo! – sem murmurar*»: não com «*murmuraram*» os israelitas no deserto, contra Moisés, com saudades da barriga cheia (cf. *Ex* 15,24; 16,2; 17,3) e opondo-se assim ao “benévolo desígnio” da sua libertação e à Obra que Deus estava a realizar a favor deles e de toda a humanidade.
- «*Fazei tudo – mesmo tudo! – sem discutir*», ou seja, sem fazer polémicas, sem contestar com vaidade, insinuar, desconfiar, contradizer, duvidar, criticar – tudo isto é fruto da malícia que sai do coração do homem (cf. *Mt* 15,19).

Enfim, Paulo pede à Esposa de Cristo que “morra por dentro” (de facto, é no coração que se consoma a indocilidade a Deus!), que não se perca com “tantas histórias de homens”, que mate aquele pecado pessoal e intracomunitário que impede que Deus realize a “sua História salvífica”. “Morrer por dentro”, como o seu Esposo (2,7-8), para poder ser pura, luminosa, bela «*sem mancha, nem ruga*» (*Ef* 5,27; 1,4), esplendente como estrelas na noite do mundo (cf. *Ef* 5,8-4; *Mt* 5,14), ou seja, no meio daqueles que se opõem à História de Deus, «*geração iníqua e depravada*» (cf. *Dt* 32,5).

É com esta beleza “teofânica” que a Igreja-esposa evangeliza: como lâmpada colocada no alto, espalha a «palavra que dá vida» e torna-se assim Esposa fecunda.

É a alegria e o orgulho de Paulo! A alegria da fecundidade do Apóstolo, pai e esposo incansável (2,16); uma alegria devido à qual – tinha acabado de escrever – «*morrer*» podia deixar de ser «*um lucro*» (1,21-26). Poder oferecer a Deus uma fé tão vivida pela sua comunidade, de facto, não tem preço, a não ser o do seu sangue; que Paulo, já acorrentado, derramaria de bom grado por uma oferta do género, à maneira do seu Senhor, verdadeiro e único Esposo, a quem a prometeu (cf. *Ef* 5,25-27; *2Cor* 11,2).

g. A pergunta incómoda e a resposta da “fraternidade”

Voltemos agora à pergunta inicial: “Onde estás, ó Deus?” A Palavra anunciou-nos que Cristo é o Senhor da História e a “*História de Deus*” não chegou ao fim, porque «*Deus quer todos os homens se salvem*» (cf. *1Tm* 2,4): *ela continua a realizar-se nas “histórias dos homens”, que hoje combatem tantas batalhas, entre as quais o ataque dissimulado da pandemia.*

Mesmo o grito do Apóstolo às suas comunidades não ficou adormecido, mas continua a ecoar, desfiando – também para nós, indivíduos e pequenas comunidades – as exigências para ser *colaboradores dóceis no anúncio, luzes da Palavra que dá vida.* Uma voz que grita: «*Irmãos todos*»!

Sim, «*todos*», escreve o Papa Francisco: *todos procurem o bem do outro, todos pensem de acordo com o “nós”, todos tenham um sentir solidário (como ecoa em Fl 2,2-4 e em tantos outros passos da carta), construindo uma “cultura do encontro” e não do conflito, do “cuidado” e não do descarte, da “gratuidade” e não do domínio.*

Por isso, conclui Paulo aos seus amados: «*Alegrai-vos sempre no Senhor. Novamente vos digo: alegrai-vos. O Senhor está próximo!*» (4,4-5).

5. *Oração (oratio e contemplatio)*

Iluminados pelo esplendor da Palavra, podemos agora saborear a *paz* do coração, que sente que *habita na verdade* de Deus. Abrimo-nos, então, à *gratidão*, ao *louvor*; mas também podemos ajoelhar-nos, em *arrependimento* e com o desejo sincero e profundo de obter o perdão de Deus e dos irmãos.

A oração pode ser também *invocação*, um pedido ao Pai para ajudar com o necessário para viver a Palavra escutada; ou então, para *confiar a Deus* uma pessoa, um grupo, um compromisso, uma obra.

Depois de ser expressa, a oração discursiva para, cala-se e abre-se à *contemplação*, ou seja, torna-se *olhar simples* com o Senhor Jesus e com o Pai, ao jeito das crianças, dos namorados, das mães. É um momento muito delicado, em que a *ação de Deus predomina* sobre o esforço humano de compreender e de falar. Mais que “olhar para Deus”, é “ser olhados” por Ele; é saborear a forma como olha para a nossa vida e para a nossa humanidade.

A este ponto, o coração “aquece”, porque experimenta a *alegria* evangélica, o *sabor* da verdade, da bondade de Deus e de “ser do Senhor” (precisamente, cristãos!). Dispõe-se a *acolher as moções, os toques e as luzes do Espírito Santo*, que incita a viver a medida alta da vida cristã. É esta alegria totalmente interior, calma e efusiva, que encorajou os grandes *santos* a realizar obras extraordinárias ou as obras ordinárias de modo extraordinário.

Abre-se, então, a última fase, aquela em que se discerne sobre “o que fazer” *pelo* Senhor, *com* o Senhor e *no* Senhor.

6. *Discernimento e ação (deliberatio e actio)*

Por impulso da Palavra escutada e como resposta a ela, que se torna “viva” por meio da ação do Espírito, aflora na alma o desejo, se não mesmo a urgência de uma determinada ação ou de um conjunto de ações. Percebe-se com uma certa *clareza e segurança para onde quer conduzir o Espírito*: por exemplo, o encontro com uma pessoa; a correção de certas atitudes, de um modo de fazer ou de falar; a iniciativa de uma boa obra ou a renúncia a alguma ação, etc.

A contraposição entre oração e ação desaparece. Nasce a *ação contemplativa*, exercida na luz e com a força do Espírito de Cristo.

2. A Palavra de Deus em Família

📖 «Tua esposa será como videira fecunda, no íntimo do teu lar; teus filhos serão como ramos de oliveira, ao redor da tua mesa» (*Sl* 128,3).

📖 Olhar para uma família à volta da mesa é uma ocasião para descobrir a história de amor que se contruiu entre eles. Uma história que, animada pela Palavra de Deus, deve crescer e ganhar força.

📖 Esta Palavra pode ser também “uma companheira de viagem, mesmo para as famílias que estão em crise ou imersas nalguma tribulação, mostrando-lhes a meta do caminho” (*Amoris Laetitia*, 22).

📖 Por isso, convém que a Palavra de Deus seja acolhida em cada família de modo que cada um dos seus membros a conheça, a compreenda e se sinta encorajado por ela.

2.1. Rito de acolhimento da Palavra de Deus em Família

No seguimento do Sínodo sobre a *Palavra de Deus* foi publicada a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini*, onde se lê:

Do grande mistério nupcial deriva uma imprescindível *responsabilidade dos pais em relação aos seus filhos*. De facto, são próprios da autêntica paternidade e maternidade a comunicação e o testemunho do sentido da vida em Cristo: através da fidelidade e unidade da vida familiar, os esposos são, para os seus filhos, os primeiros anunciadores da Palavra de Deus. A comunidade eclesial deve ampará-los e ajudá-los a desenvolver a oração em família, a escuta da Palavra, o conhecimento da Bíblia. Por isso, o Sínodo deseja que *cada casa tenha a sua Bíblia* e a conserve em lugar digno para poder lê-la e utilizá-la na oração. A ajuda necessária pode ser fornecida por sacerdotes, diáconos e leigos bem preparados. O Sínodo recomendou também a formação de pequenas comunidades entre famílias, onde se cultive a oração e a meditação em comum de trechos apropriados da Sagrada Escritura.

Verbum Domini, 85

Durante o *Domingo da Palavra de Deus*, toda a família se reúne à volta da mesa principal de sua casa, onde se coloca o crucifixo, uma imagem de Nossa Senhora, uma vela e a Bíblia.

Um dos membros da família acende a vela e diz:

- A luz de Cristo.

Todos respondem:

- Graças a Deus.

De seguida, outra pessoa (também se pode dividir o texto por várias pessoas) recita a seguinte oração:

Vem, ó Espírito Santo, entra em mim, no meu coração e na minha inteligência.

Concede-me a tua inteligência, para que, meditando a Palavra do Evangelho, eu possa conhecer o Pai.

Concede-me o teu amor, para que, exortado pela tua Palavra, também hoje, Te procure nos acontecimentos e nas pessoas que fui encontrando.

Concede-me a tua sabedoria, para que eu saiba reviver e julgar, à luz da tua Palavra, aquilo que hoje fui vivendo.

Concede-me a perseverança, para que, com paciência, eu entre na mensagem de Deus no Evangelho.

São Tomás de Aquino

Todos respondem:

- Amen.

Um membro da família toma a Bíblia, abre-a, e começa a ler o seguinte texto: Mateus 13,1-9. “A parábola do Semeador”

Escutai a Palavra do Senhor, do Evangelho segundo São Mateus:

Naquele dia, Jesus saiu de casa e foi sentar-Se à beira-mar. Reuniu-se à sua volta tão grande multidão que teve de subir para um barco e sentar-Se, enquanto a multidão ficava na margem. Disse muitas coisas em parábolas, nestes termos: «Saiu o semeador a semear. Quando semeava, caíram algumas sementes ao longo do caminho: vieram as aves e comeram-nas. Outras caíram em sítios pedregosos, onde não havia muita terra, e logo nasceram, porque a terra era pouco profunda; mas depois de nascer o sol, queimaram-se e secaram, por não terem raiz. Outras caíram entre espinhos e os espinhos cresceram e afogaram-nas. Outras caíram em boa terra e deram fruto: umas, cem; outras, sessenta; outras, trinta por um. Quem tem ouvidos, oiça».

Todos os membros da família beijam o Livro da Sagrada Escritura.

Segue-se um momento de silêncio, de meditação sobre o texto escutado e de oração pessoal.

Depois disso, uma pessoa lê o seguinte comentário:

Jesus conta à grande multidão a parábola – bem conhecida de todos – do semeador, que lança a semente em quatro diferentes tipos de terreno. A Palavra de Deus, simbolizada pelas sementes, não é uma Palavra abstrata, mas é o próprio Cristo, o Verbo do Pai que encarnou no seio de Maria. Por isso, acolher a Palavra de Deus quer dizer acolher a pessoa de Cristo, o próprio Cristo.

Há diversos modos de receber a Palavra de Deus. Podemos fazê-lo como um caminho, onde os pássaros vêm logo comer as sementes. Seria a distração, um grande perigo do nosso tempo. Atormentados com tantos falatórios, com tantas ideologias, pelas contínuas possibilidades de nos distrairmos dentro e fora de casa, pode-se perder o gosto pelo silêncio, pelo recolhimento, pelo diálogo com o Senhor, a ponto de correr o risco de perder a fé, de não acolher a Palavra de Deus. Estamos a ver tudo, distraídos com tudo, com as coisas do mundo.

Outra possibilidade: podemos acolher a Palavra de Deus como um terreno pedregoso, com pouca terra. Aí, a semente desponta rapidamente, mas também seca rapidamente, porque não consegue deitar raízes profundas. É a imagem daqueles que acolhem a Palavra de Deus com entusiasmo momentâneo, mas que permanece superficial, não assimila a Palavra de Deus. E assim, diante da primeira dificuldade – pensemos num sofrimento ou numa inquietação da vida –, aquela fé ainda débil dissolve-se, como seca a semente caída entre as pedras.

Podemos, ainda – é a terceira possibilidade avançada por Jesus –, acolher a Palavra de Deus como um terreno onde crescem as silvas. E os espinhos são o engano da riqueza, do sucesso, das preocupações mundanas... Aí, a Palavra cresce um pouco, mas fica sufocada, não é forte, morre ou então não dá fruto.

Por fim – a quarta possibilidade – podemos acolhê-la como o terreno bom. Aqui, e só aqui, a semente deita raízes e dá fruto. A semente que caiu neste terreno fértil representa aqueles que escutam a Palavra, acolhem-na, guardam-na no coração e põem-na em prática na vida de cada dia.

Esta parábola do semeador é uma espécie de “mãe” de todas as parábolas, porque fala da escura da Palavra. Lembra-nos que ela é uma semente fecunda e eficaz; e Deus espalha-a por toda a parte com generosidade, sem se preocupar com o desperdício. Assim é o coração de Deus! Cada um de nós é um terreno onde cai a semente da Palavra, sem excluir ninguém! A Palavra é dada a cada um de nós. Podemos perguntar-nos: que tipo de terreno sou eu? Pareço-me com o caminho, com o lugar pedregoso, com as silvas? Se quisermos, com a graça de Deus, podemos tornar-nos terreno fértil, lavrado e cultivado com cuidado, para fazer com que a semente da Palavra amadureça. Ela já está presente no nosso coração, mas fazê-la frutificar depende de nós, depende do acolhimento que dispensamos a esta semente. Muitas vezes distraímos-nos com demasiados interesses, demasiadas solicitações e, entre tantas vozes e tantas palavras, é difícil distinguir a do Senhor, a única que nos torna livres. Por isso, é importante habituar-nos a ouvir a Palavra de Deus, a lê-la. Uma vez mais, repito este conselho: tende sempre convosco um pequeno Evangelho, uma edição de bolso do Evangelho, no bolso, na mala... E assim, lede todos os dias um bocadinho, para vos habituades a ler a Palavra de Deus e a compreender bem qual é a semente que Deus vos oferece e a pensar com que terra eu a recebo.

A Virgem Maria, modelo perfeito de terra boa e fértil, nos ajude, com a sua oração, a tornar-nos terreno disponível sem espinhos nem pedras, para podermos dar bons frutos para nós e para os nossos irmãos.

Papa Francisco, *Angelus*, 12 de julho de 2020

Depois do comentário todos recitam juntos a oração de Jesus:

- Pai nosso...

No fim da oração, a pessoa que acendeu a vela, toma a Bíblia e faz com ela o sinal da cruz, abençoando toda a família com a Sagrada Escritura.

Apaga-se a vela, dizendo:

- Fica connosco, Senhor, agora e por toda a eternidade. Amen.

2.2. Propostas formativas sobre a Palavra de Deus para os jovens

São Jerónimo garante que a Bíblia é o instrumento “com o qual, todos os dias, Deus fala aos fiéis” (*Carta CXXXIII*, 13). Na *Carta Scripturae Sacrae affectus*, o Papa Francisco insiste na necessidade de compreender as palavras contidas na Sagrada Escritura para fazer experiência do amor de Deus, que “não tem preço” e é capaz transformar a vida de cada um, despertando nas profundezas do coração o desejo de corresponder plenamente a esse amor. O *Domingo da Palavra de Deus* é uma ocasião para dar a conhecer aos jovens “a Palavra do Senhor, com toda a sua beleza e força espiritual”, como se diz na referida Carta. Ficam aqui algumas propostas de formação e testemunhos.

Vive um texto bíblico em primeira pessoa!

O *Bibliodrama* é uma metodologia ativa, que favorece o encontro profundo entre a Palavra de Deus e a vida concreta de cada pessoa, baseada na interação entre a mensagem bíblica veiculada pelo Espírito e a experiência humana de cada jovem. Ele é convidado a ver-se no espelho do texto, estimulado pelo trecho bíblico encontrado, meditado e representado de forma inédita. Deste modo, associa interiormente aspetos de si mesmo e da sua vida, exprimindo livremente aquilo que sente no grupo. As ressonâncias profundas de cada jovem são partilhadas através de diversas linguagens: a partilha verbal-emocional, a gráfico-pictórica, a foto-linguagem, a interação com concretizações simbólicas, etc. Podem conhecer melhor esta metodologia no website:

<https://www.bibliodramma.com/metologia>

Torna-te um Cristonaut@!

Cristonaut@s é um website que tem a finalidade de tornar operativa a Nova Evangelização, oferecendo formação bíblico-espiritual aos jovens e a outros agentes pastorais através de conferências, cursos presenciais e online, laboratórios bíblicos, retiros espirituais, programas de evangelização e missionários, utilizando as novas tecnologias de informação e de comunicação. Esta iniciativa é apoiada por uma equipa internacional de cristãos católicos de diversas línguas (espanhol, inglês, português e italiano) que, seguindo as linhas mestras do Papa e dos Bispos, desejam difundir o Evangelho a exemplo de Ramon Pané, uma das maiores figuras da Evangelização na América. Para se tornarem um *criston@uta*, podem ir ao site:

<https://www.cristonautas.com/>

Conhece a Bíblia!

O *St. Paul Center for Biblical Theology* é um instituto de investigação e formação bíblica sem fins lucrativos que promove o estudo das Sagradas Escrituras – que transformam a vida – de

acordo com os ensinamentos da Igreja católica. Está ao serviço de todos os fiéis com instrumentos de análise e estudo – desde livros e publicações a cursos multimédia e online. Podem encontrar toda a oferta formativa no site: <https://stpaulcenter.com/>

Há outros organismos eclesiais que oferecem diversos recursos para a formação bíblica. Disponibilizam-se aqui alguns links:

- <https://www.usccb.org/offices/new-american-bible/study-materials>
- <http://www.knowhowsphere.net/Bases2.aspx>
- <https://feyvida.org/wp-content/uploads/2019/10/feyvida-volantedeprogramasbiblicos-v12.pdf>
- https://www.youtube.com/watch?v=Upk_3nGTP2g

A Palavra de Deus no teu telemóvel!

Laudate by Aycka Soft. A App católica gratuita mais popular e mais completa. Disponível em inglês, espanhol, francês, português, alemão, italiano e noutras línguas. Disponibiliza as Leituras da Missa quotidiana (com o Santo do dia e reflexões), a Liturgia das Horas, elementos para a oração pessoal a partir de um versículo bíblico diário, diversos *Podcasts* sobre a Palavra de Deus, etc. Esta App não deveria faltar no teu telemóvel. Está disponível para os sistemas operativos *Android* e *iOS*:

- <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.aycka.apps.MassReadings>
- <https://apps.apple.com/us/app/laudate-1-catholic-app/id499428207/?platform=iphone>

Lectio Divina para cada dia. Sim!

A *Ordem do Carmo*, especialmente neste tempo de confinamento devido à pandemia de Covid-19, oferece a todos a possibilidade de rezar com as Sagradas Escrituras segundo o método da *Lectio Divina*, desenvolvido pelos Santos Padres e que, desde o Concílio Vaticano II, tem vindo a ser promovido novamente na Igreja, porque ajuda a aprofundar a fé de cada um e as atitudes de Jesus, meditando diariamente na sua palavra, de acordo com o calendário litúrgico. A *Lectio Divina* quotidiana está disponível em diversas línguas. Visitem o site: <https://ocarm.org/>

A Bíblia transformou a minha vida!

A Bíblia toca a vida das pessoas de muitos modos. Descubram alguns testemunhos.

- <https://www.youtube.com/watch?v=EM70gegk-a8> (testemunho de Giacomo Poretti)
- https://www.youtube.com/watch?v=zeC_Ez6cY7w (testemunho de alguns católicos na Argentina)

Nota: Quem organiza o *Domingo* deveria procurar algum testemunho na sua língua.

2.3. A Palavra de Deus em tempos de Covid-19

A vida doméstica, terreno fértil para a semente da Palavra de Deus

“*Fique em casa*” é o slogan que se tem repetido ao longo da pandemia. Este convite colocou à prova o nosso sentido de solidariedade e de disciplina cívica. Foi também uma ocasião propícia para desenvolver a criatividade, para explorar novas dimensões de convivência familiar e para redescobrir a casa como espaço de oração e de comunhão de fé. Nós, discípulos missionários de Jesus, temos vivido esta oportunidade como uma escola de escuta da *Palavra de Deus* e de discernimento que nos tem levado a fazer experiência da nossa comunhão eclesial para lá de algumas práticas religiosas e da nossa presença nas Igrejas.

A presente proposta pretende suscitar um discernimento à luz do projeto evangelizador que nos é sugerido por Jesus no Novo Testamento, para que possamos fazer uma avaliação do nosso processo de fé e de evangelização vivido na Igreja doméstica, como membros de uma família e como missionários chamados a anunciar a todos a Boa Nova. Nos Evangelhos sinóticos encontramos algumas instruções de Jesus para viver a missão doméstica. Particularmente, o envio dos 72 discípulos por parte de Jesus: «Quando entrardes nalguma casa, dizei primeiro: “*Paz a esta casa*”. *E se lá houver gente de paz, a vossa paz repousará sobre eles; senão, ficará convosco. Ficai nessa casa, comei e bebei do que tiverem, que o trabalhador merece o seu salário. Não andeis de casa em casa. Quando entrardes nalguma cidade e vos receberem, comei do que vos servirem, curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: “Está perto de vós o reino de Deus”*» (Lc 10,5-9).

Nestas palavras de Jesus é perceptível todo um itinerário de evangelização: *entrar* na casa, *habitar* nela e *a partir dela* evangelizar a cidade. Os textos paralelos de Mateus (10,11-14) e de Marcos (6,10-11) confirmam esta dinâmica. Com efeito, a prática habitual de Jesus é testemunhada através do seu discurso e torna-se um paradigma para os discípulos que O seguem.

Entrar na realidade de cada casa

Os lugares de encontro comunitário favorecem a expressão de uma assembleia litúrgica ou de comunhão fraterna, mas não exprimem a nossa realidade individual ou familiar tão facilmente como uma casa ou uma sala. Uma casa da antiguidade (hebraico: *bayit*; grego: *oikía/oikós*; latim: *domus*) não tem o mesmo valor sociológico das casas urbanas de hoje. As nossas casas podem ser mais variadas e complexas. São sobretudo espaços habitáveis, representam a intimidade das pessoas. São habitadas por indivíduos ou por pequenos grupos de amigos, casais ou famílias com poucos filhos. As casas da cidade foram concebidas mais como um espaço onde a liberdade pessoal é protegida e defendida e não como uma plataforma para as relações comunitárias. Não é estranho que os vizinhos não se conheçam e que a própria ideia da integração seja incómoda para a maioria. Não é fácil abater os muros do preconceito ou construir pontes para favorecer uma cultura do encontro, muito embora seja apenas uma frágil parede de poucos centímetros a separar-nos.

Se bem que, na maioria das vezes, os modelos domésticos apresentados pela Bíblia sejam tendencialmente de famílias numerosas, como a de Jacob (Gn 46,1-27), são bem variados: uma

viúva de Sarepta com o seu filho único (*IRs* 17,8-24), casais sem filhos como Áquila e Priscila (*At* 18,2-3), as irmãs Marta e Maria (*Lc* 10,38-42), ou pessoas sozinhas, como Elias ou João Batista, que vivem no deserto (*IRs* 19,1-18; *Mc* 1,4-6). Também Jesus entra na casa de Simão Pedro, em Cafarnaum, num sábado, cura a sua sogra que está doente, come com eles e dali dirige-se em direção à porta da cidade (*Mc* 1,29-31). Pedro, seguindo docilmente a voz de Deus, supera toda a apreensão e entra na casa de um importante oficial do exército romano, Cornélio, anuncia o Evangelho, batiza todos em casa e fica com eles (*At* 10, 1-48). Em todas estas realidades, Deus entra para anunciar uma boa notícia, para transformar as realidades, para propor novos inícios.

À luz destes testemunhos, perguntemo-nos:

- Quem vive na minha casa?
- Se Jesus entrasse na minha casa, que encontraria?
- Que lhe pediria para me (nos) fazer?
- Como vivemos a nossa fé em casa?
- Estive em contacto com a comunidade paroquial ou com o grupo de apostolado durante a pandemia? Senti-os próximos?

Habitar a realidade da casa

A realidade de cada casa tende a ser única, se bem que haja situações semelhantes. A primeira coisa que Jesus nos sugere é saudar a família que pede a paz para aquela casa. É um costume típico no Médio Oriente: em hebraico e em árabe invoca-se a paz na saudação. Jesus ressuscitado faz isso com os seus discípulos em contextos de medo e de insegurança (*Jo* 20,19-23.26) e come com eles enquanto anuncia a Boa Nova da Páscoa (*Lc* 24, 36-53). Paulo faz o mesmo quando saúda as suas comunidades: «*A graça e a paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo estejam convosco. Dou graças ao meu Deus, todas as vezes que me lembro de vós, e em todas as minhas orações peço sempre por todos com alegria, recordando-me da parte que tomastes na causa do Evangelho, desde o primeiro dia até ao presente. Tenho plena confiança de que Aquele que começou em vós tão boa obra há de levá-la a bom termo até ao dia de Cristo Jesus*» (*Fl* 1,2-6).

Neste período de pandemia, o nosso coração tem sido habitado por muitos medos que se espalham por todos os cantos da casa. Portanto, o ponto de partida é acolher a paz de modo que abra o nosso coração e nos permita continuar a explorar outros aspetos que precisam de ser curados e transformados. E não há nada de mais natural e encorajante para o fazer que os ritos domésticos, também da partilha da mesa. Mas, antes de mais, devemos deixar para trás tantas distrações que impedem o diálogo e, depois, devemos encorajar as pessoas a reaproximar-se.

As redes sociais, por exemplo, têm sido grandes aliados para superar a dor causada pelo isolamento, instrumentos para o estudo e para o trabalho, instrumentos que permitem o acompanhamento espiritual. Mas, ao mesmo tempo, podem “narcotizar-nos” e fazer-nos viver um mundo virtual paralelo junto de pessoas reais que evitamos e que precisam de nós.

A visita de Jesus à casa de Simão Pedro tornou-se tão regular, a ponto de o evangelista situar aí outros momentos da vida e do ensinamento de Jesus, como quando a casa estava tão cheia que tiveram de remover parte do telhado para que Jesus pudesse curar um paralítico (*Mc* 2,1-12) ou

quando a família de Jesus O procurava e estava à espera que Ele saísse de casa, mas Ele convidava-os a entrar para fazer parte da nova família dos seus discípulos (Mc 3,20.31-35). A casa de Pedro tornou-se a casa de Jesus e dos seus discípulos; pode dizer-se o mesmo da sua barca (cf. Lc 5,1-11). A mudança de nome de Simão para Pedro reflete também esta profunda transformação na vida do apóstolo. Podemos imaginá-lo a falar de Jesus com palavras semelhantes às de Paulo, recordando até que ponto a sua vida deu uma reviravolta: «*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*» (Gl 2,20).

Paulo foi uma testemunha privilegiada desta experiência. O seu testemunho de Jesus Cristo teve um grande impacto na vida de muitas pessoas que, dando-lhe guarida, abriram as portas de casa também ao Mestre para que viesse habitar nelas com os seus discípulos. Em latim, estas casas chamam-se “*Domus Ecclesiae*”. Paulo saúda-as com grande afeto nas suas cartas: Áquila e Priscila (1Cor 16,19; Rm 16,3-5); Estéfanos de Corinto (1Cor 1,16; 16,15); Filémon (Flm 1,2); Ninfa (Cl 4, 15); Onesíforo (2Tm 1,16). Com efeito, este toque familiar das primeiras comunidades cristãs é perceptível nos seus conflitos (cf. 1Cor 1,11; 5,1; 7,1-17; Ef 5,22-6,4) e no modo como Paulo se dirige a elas (cf. Gl 4,19; 1Cor 4,15).

Avaliemos:

- Sente-se a presença de Deus na minha casa?
- De que modo favoreço um ambiente espiritual?
- Para mim (nós) é importante ler e escutar a Palavra de Deus?
- Que faço para melhorar as minhas relações em casa? Passo tempo com os outros?
- A Igreja aproximou-se verdadeiramente da realidade da minha família com o seu modo de evangelizar?
- Dou-me conta que as famílias constituem uma prioridade para o cuidado pastoral da paróquia?

Evangelizar a partir da realidade da casa

Em dois dos passos dos passos antes mencionados sobre a atividade de Jesus em casa de Pedro, apercebemo-nos que as paredes ou o telhado de casa deviam desaparecer para integrar os outros nesta nova realidade da família dos discípulos de Jesus (cf. Mc 2,1-12; 3,20.31-35). Parece que nestes casos se verificou a parábola do grão de mostarda: «*Sendo a menor de todas as sementes, depois de crescer, é a maior de todas as plantas da horta e torna-se árvore, de modo que as aves do céu vêm abrigar-se nos seus ramos*» (Mt 13,32).

A casa transformada pela presença de Jesus é chamada a crescer, a vida e a esperança florescem dentro dela, torna-se uma explosão de alegria contagiosa como a daquela pobre mulher aflita que encontra a moeda perdida: «*Quando a encontra, chama as amigas e vizinhas e diz-lhes: “Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma perdida”*» (Lc 15,9).

A fé de uma família que vive a Boa Nova de Jesus Ressuscitado torna-se fermento que «*uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado*» (Mt 13,33). A parte desta nova perspetiva muda também o nosso modo de ver o mundo. Todo o planeta é visto como a


nossa “*casa comum*” (*Laudato Si'*, nn. 1, 13 e 232) e a humanidade como uma “*grande família*” (*Fratelli Tutti*, nn. 26 e 62). O Papa Francisco di-lo claramente com estas palavras:


“Não posso reduzir a minha vida à relação com um pequeno grupo, nem mesmo à minha própria família, porque é impossível compreender-me a mim mesmo sem uma teia mais ampla de relações. [...] A minha relação com uma pessoa, que estimo, não pode ignorar que esta pessoa não vive só para a sua relação comigo, nem eu vivo apenas relacionando-me com ela. A nossa relação, se é sadia e autêntica, abre-nos aos outros que nos fazem crescer e enriquecem. [...] O amor autêntico, que ajuda a crescer, e as formas mais nobres de amizade habitam em corações que se deixam completar. O vínculo de casal e de amizade está orientado para abrir o coração em redor, para nos tornar capazes de sair de nós mesmos até acolher a todos” (*Fratelli tutti*, 89).


Avaliemos:

- As paredes da minha casa são um limite para os meus sonhos e para a minha vocação?
- Senti-me chamado a cuidar dos outros fora do meu círculo familiar ou de amigos?
- Tenho feito ou procurado fazer algo desinteressadamente por alguém durante esta pandemia?
- Tenho experimentado a alegria de dar generosamente (cf. *At 20,35*)?
- Tenho visto a Igreja a ajudar-me, a ser mais solidária?
- Vivo no mundo como numa casa comum?
- Sinto-me parte da grande família humana?

3. A Palavra de Deus na oração pessoal

 «A vossa palavra é farol para os meus passos e luz para os meus caminhos» (*Sl* 119,105).

 Tal como num caminho escuro procuramos uma luz que nos ilumine para não cair, também devemos procurar na Palavra de Deus a luz para a nossa vida.

 Aproveitemos os vários métodos que a Igreja coloca ao dispor dos seus filhos, “para que a Palavra de Deus possa tornar-se cada vez mais o [seu] alimento espiritual” (Comissão Bíblica Pontifícia, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, Introdução, B).

3.1. *Ler o Evangelho com o Beato António Chévrier*

Na noite de Natal de 1856, na paróquia de Saint-André de La Guillotière, o Padre António Chévrier, sacerdote da diocese de Lyon, na França, teve uma intuição: apercebeu-se que os aspetos principais das atitudes de Cristo, Salvador do mundo, não são apenas uma realidade a contemplar, mas sobretudo um modelo ao qual conformar-se. Para exprimir os sentimentos que lhe iam na alma depois daquela noite de luz, disse ele: «Decidi que vou seguir Jesus mais de perto»¹.

Seguir Jesus, conformar-se às suas atitudes, permanecer verdadeiramente unidos a Ele no amor deveriam ser os objetivos de todo o cristão, mas, para os alcançar, é necessário conhecê-lo. O conhecimento de Jesus não é apenas contemplativo, mas também em ordem à ação. Se se investigar o Evangelho, vê-se que Jesus não quis apenas dar exemplos, mas também diretrizes para a ação, porque Ele é «Mestre e Modelo»².

O caminho proposto pelo Beato A. Chévrier para *se aproximar* de Jesus foi por ele denominado *Estudo do Evangelho* e pode ser feito de forma pessoal, mas também em família, em grupo ou numa pequena comunidade, em vista dos seguintes objetivos a alcançar por parte de quem o pratica, seguindo os passos descritos aqui de seguida³:

- a. *Deixar-se conhecer e amar pelo Pai*: A iniciativa é sempre do Pai. É Ele que atrai todos para o Filho; são também iniciativa sua o desejo e a alegria de O conhecer, amar e servir. No *Estudo* fazemos a experiência de ser gerados pela graça e de viver um acontecimento de graça.
- b. *Estar cheios do Espírito Santo para caminhar no Espírito*: No *Estudo*, o discípulo deixa-se guiar pelo Espírito de Jesus Cristo em direção à verdade plena, para viver dela e para a testemunhar no mundo.
- c. *Conhecer Jesus Cristo nas suas diferentes presenças*: O *Estudo* de Jesus Cristo nas Escrituras permite reconhecê-lo nos acontecimentos da vida; é precisamente neles que se deve descobrir a novidade da sua Pessoa, tal como se revelou nas Escrituras.
- d. *Tornar-se testemunhas de Jesus Cristo*: Trata-se de um *Estudo* que torna a pessoa idónea para falar como testemunha de Jesus Cristo, cheia de alegria, audácia e *parrésia*.
- e. *Ser servos dos pobres*: O *Estudo* da Palavra que Se fez carne leva o discípulo a abraçar n'Ele e como Ele a pobreza para servir os pobres relegados para o último lugar. Este *Estudo* permite que a pessoa contemple os pobres no mistério de Cristo e, ao mesmo tempo, introduz no mistério do pobre. Só o conhecimento de Jesus Cristo dá ao discípulo a capacidade de compreender os pobres, de procurar os meios para transformar a sua vida e acompanhá-los em direção à liberdade do amor.

¹ Cf. Alfred Ancel, *Lo Studio del Vangelo in Seguire Cristo più da vicino* a cura del Prado Italiano. N. 5-6 – Settembre – Dicembre 2004. p. 63.

² Cf. *Ibidem*.

³ Cf. Consiglio Generale del Prado, «Fa', o Cristo, che ti conosca»: *Lo Studio del Vangelo al Prado*. Documento a conclusione della Sessione Formativa dell'estate 2009 dedicata allo Studio del Vangelo. Ottobre 2010. pp. 14-20. 38-39.

Escolha do texto

A leitura parte sempre de um texto da Escritura, especialmente do Evangelho, conforme o aspeto que se desejar aprofundar. Também é possível escolher alguns textos sugeridos pela própria Liturgia do dia, para seguir de modo sistemático a Palavra de Deus ordenada e proposta pela Igreja nos Lecionários Dominical e Ferial.

Fazer a *leitura do Evangelho* comunitariamente permite descobrir a riqueza com que a Palavra ressoa no coração humano, tornando presente a experiência pessoal de cada um e iluminando as situações particulares da sua vida. Neste caso, o texto é escolhido por um ou por todos os membros do grupo.

Oração inicial

A leitura começa com um momento de silêncio e de oração, pedindo ao Espírito Santo o dom do conhecimento de Jesus Cristo.

Proclamação do Texto

Depois, lê-se ou proclama-se o texto escolhido, com calma e com voz firme conforme os casos.

Reflexão, estudo pessoal e atualização do texto

Segue-se um tempo de *reflexão* e de *estudo pessoal* sobre o texto proposto. A escuta, a reflexão e a contemplação concentram-se antes de mais nas ações, nos gestos, nas palavras e nas atitudes de Jesus Cristo. Deve prestar-se atenção também aos outros personagens, na medida em que permitir conhecer melhor Jesus Cristo. Também se pode fazer referência aos textos paralelos da Escritura ou aos comentários dos Santos Padres da Igreja ou do próprio Magistério para obter um maior conhecimento e objetividade na leitura.

A nível pessoal, de modo a fazer a *atualização* do texto, é oportuno perguntar-se:

- Como é que o Espírito Santo me ajuda a descobrir a atualidade da pessoa do Senhor Jesus hoje e a aplicar os seus ensinamentos à realidade e ao contexto em que vivo?
- Qual deveria ser a minha resposta à Palavra escutada e aprofundada?
- Como é que esta Palavra ilumina e guia agora a minha vida, a vida da minha família, a vida de quem me rodeia (amigos, colegas, vizinhos) e a vida da Igreja?

Só através de uma relação de reciprocidade entre Jesus e a pessoa será possível descobrir a novidade da sua Palavra nas vicissitudes da própria vida. Sugere-se que cada um escreva os seus comentários e propósitos, de modo que possam ser seguidos pessoalmente ou partilhados com outras pessoas, no caso de se fazer a leitura a nível comunitário.

Partilha

Se se fizer a leitura a nível comunitário, este é o momento de comunicar aos outros o fruto do trabalho feito. Trata-se de uma partilha teologal e de fé que se faz com naturalidade e simplicidade, sem discussões nem dialética.

Oração conclusiva

Depois de um tempo de silêncio, faz-se uma oração de agradecimento a Deus por aquilo que, com esta leitura, permitiu que ficássemos a saber sobre Jesus. No caso da leitura feita a nível comunitário, alguns ou todos podem tomar a palavra para dizer uma oração que faça eco daquilo que foi partilhado no momento anterior.

3.2. Meditar o Evangelho do III Domingo do Tempo Comum

O Evangelho de Marcos conduz o ciclo litúrgico B. Este Evangelho, redigido com um vocabulário pobre e um estilo simples, manifesta uma esplêndida correspondência entre a mensagem de Jesus e os problemas e interesses das pessoas do tempo em que foi escrito. Podemos, certamente, afirmar que esta correspondência se mantém ainda atual. Estruturado em duas partes principais (Mc 1,14–8,30; 8,31–16,8), antecedidas por um Prólogo (Mc 1,1-13) e seguidas de um Apêndice (Mc 16,9-20), nele, o evangelista propõe-se revelar progressivamente a identidade de Jesus e a identidade do discípulo. Jesus é o Messias esperado (Mc 8,27-30), “Filho do homem”, de condição humana e sujeito ao sofrimento (Mc 8,31; 9,31; 10,33-34), e “Filho de Deus”, de condição divina e sujeito à glorificação (Mc 1,1; 15,39; 16,19). Por sua vez, o discípulo é chamado a estar com Jesus, a acompanhá-lo de perto, a escutar os seus ensinamentos e a contemplar as suas maravilhas; a conhecê-lo e a compreendê-lo em profundidade; a entrar em comunhão com Ele; a continuar a sua missão, exercendo o ministério da Palavra, comunicando o seu Mistério e confirmando essa pregação com as suas obras (Mc 3,14-15)⁴.

Apresentando o chamamento de Jesus aos primeiros discípulos, nas margens do mar da Galileia – acontecimento que, para eles, marcou o início de um novo caminho de união pessoal com Jesus para lhes revelar o mistério do seu ser –, o III Domingo do Tempo Comum constitui uma oportunidade para cada cristão renovar o seu compromisso de seguir Jesus e dar testemunho d’Ele, apesar das suas fragilidades. Deixa-te provocar pela sua Palavra.

De seguida, sugere-se que se medite no texto de Mc 1,14-20 (*O chamamento dos primeiros discípulos*), segundo a metodologia proposta pelo Beato António Chévrier.

Oração inicial

Começa-se com a invocação da presença das Pessoas Divinas ou de uma d’Elas em particular, usando as próprias palavras ou uma oração como esta aqui em baixo:

*Ó Verbo! Ó Cristo!
Como és belo! Como és grande!
Quem poderá conhecer-Te? Quem poderá compreender-Te?
Ó Cristo, faz com que eu Te conheça e Te ame!
Porque Tu és a luz, lança sobre mim um pequeno raio desta luz divina,
para que eu possa ver-Te e compreender-Te.
Dá-me uma grande fé em Ti,
para que cada uma das tuas palavras seja luz que me ilumina
e me faça ir para junto de Ti e seguir-Te pelos caminhos da justiça e da verdade.
Ó Cristo! Ó Verbo!
Tu és o meu Senhor e o meu único Mestre.
Fala, que eu quero escutar-Te e pôr em prática a tua palavra,*

⁴ Cf. Francisco Pérez Herrero, *Evangelio según San Marcos*, La Casa de la Biblia. Salamanca, 1989. pp. 13-18.

*porque sei que ela vem do Céu.
Quero escutá-la, meditá-la, pô-la em prática,
porque, na tua palavra, está a vida, a alegria, a paz e a felicidade.
Fala, Senhor,
Tu és o meu Senhor e o meu Mestre,
só a Ti quero escutar.
Amen.*

Beato António Chévrier

Proclamação do texto (Mc 1,14-20 – O chamamento dos primeiros discípulos)

Depois de João ter sido preso, Jesus partiu para a Galileia e começou a proclamar o Evangelho de Deus, dizendo: «Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho». Caminhando junto ao mar da Galileia, viu Simão e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus: «Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens». Eles deixaram logo as redes e seguiram Jesus. Um pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estavam no barco a consertar as redes; e chamou-os. Eles deixaram logo seu pai Zebedeu no barco com os assalariados e seguiram Jesus.

Comentários pessoais

As perguntas seguintes podem ajudar-te a aprofundar o texto:

- Quais as ações realizadas por Jesus (presta atenção aos verbos)?
- Quais as palavras pronunciadas por Jesus?
- Que atitudes descobres em Jesus?
- Quais as ações realizadas pelos discípulos (presta atenção aos verbos)?
- Quais são as atitudes dos discípulos?

Não te esqueças de tomar nota daquilo que descobres ou que te chama a atenção.

Textos paralelos, comentários dos Papas ou do Magistério da Igreja

Confronta os teus comentários pessoais com o comentário do Papa Francisco a este texto.

Depois de João ter sido preso, Jesus vai para a Galileia (1,14-20) e proclama o Evangelho com as mesmas palavras de João: *cumpriu-se o tempo, o reino de Deus está próximo, convertei-vos.*

João tinha preparado o caminho a Jesus. E Jesus segue por esse caminho. Preparar os caminhos, também preparar as nossas vidas, é próprio de Deus, do amor de

Deus por cada um de nós. Ele não nos faz cristãos por geração espontânea. Há muito que Ele prepara o nosso caminho, prepara a nossa vida. Parece que aqui Simão, André, Tiago e João foram escolhidos definitivamente; mas isto não significa que, a partir deste momento, também tenham sido “definitivamente fiéis”. Na verdade, mesmo eles cometem erros: fazem propostas não cristãs ao Senhor, efetivamente, renegam-n’O. E Pedro mais que os outros. Tiveram medo e foram-se embora, abandonaram o Senhor.

Ana, a segunda mulher de Elcana (cf. *ISm* 1,1-8), era estéril, chorava quando a outra mulher, Fenena, que tinha filhos, a ridiculizava. Mas no pranto de Ana estava a preparação para o nascimento do grande Samuel. É assim que o Senhor nos prepara desde há tantas gerações. E quando as coisas não correm bem, Ele mistura-Se na história e põe-na em ordem.

Até na genealogia de Jesus há pecadores e pecadoras. Mas como fez o Senhor? Misturou-Se; corrigiu o caminho; endireitou as coisas. Pensemos no grande David, grande pecador e, depois, grande santo. O Senhor sabe. Quando o Senhor nos diz: “amei-te com amor eterno”, está a referir-Se a isto. Há tantas gerações que o Senhor pensou em nós. Acompanha-nos, experimentando os nossos próprios sentimentos, quando nos aproximamos do matrimónio, quando esperamos um filho: em cada momento da nossa história, espera por nós e acompanha-nos.

Este é o amor eterno do Senhor. Eterno, mas concreto. Um amor também artesanal, porque Ele vai fazendo a história e vai preparando o caminho para cada um de nós. Este é o amor de Deus. [...] Ele é o Senhor da preparação, que nos ama desde sempre e nunca nos abandona. Talvez seja um ato de fé; não é fácil acreditar nisto, é verdade. Porque o nosso racionalismo nos leva a dizer: mas por que é que o Senhor, com tantas pessoas com quem Se relaciona, vai pensar em mim? Mesmo assim, Ele preparou o caminho para mim, com as nossas mães, as nossas avós, os nossos pais, os nossos avós, e os bisavós, todos: é assim que o Senhor faz. E este é o seu amor: concreto, eterno e também artesanal.

Meditação, Domus Sanctae Marthae, 13 de janeiro de 2014

Atualização do Texto

Para fazeres teus os ensinamentos do texto:

- Recorda o momento em que o Senhor veio ao teu encontro para te chamar a ser seu discípulo missionário.
- Esta escolha fez-te sentir o seu amor, ajuda-te a ser feliz?
- Como preparou este momento (lugar, tempo, idade)?
- Quem interveio para o tornar possível?
- Com que atitude respondeste?

- Como poderias colaborar para que o Senhor Se encontre com outras pessoas e as chame também para o seu serviço?
- Que deves mudar em ti para seres cada vez mais fiel ao chamamento que recebeste e à missão que te foi confiada?

Não te esqueças de colocar por escrito os teus pensamentos e os teus propósitos.

Partilha

Se a meditação do Evangelho for feita a nível comunitário, este é o momento para partilhar com os outros as coisas sobre as quais se refletiu.

Oração conclusiva

Pode-se concluir este momento de aproximação à Palavra com uma oração saída do coração ou com esta que aqui se sugere:

Senhor Jesus, eis-me aqui, Tu me convidas a deixar as minhas redes e a seguir-Te. Há milhões de pessoas que precisam de escutar a tua Palavra. Tu me convidas a ser um pescador de homens, com criatividade e entusiasmo, com iniciativa e risco, com coragem e audácia.

Reconheço que nem sempre me decidi a deixar aquilo que é um obstáculo para Te seguir com disponibilidade total. No entanto, estou-Te infinitamente grato pelo teu chamamento. Desejo conhecer-Te cada vez mais, para que os teus critérios possam iluminar e guiar os meus pensamentos, as minhas intenções e as minhas ações.

Dá-me a paixão de que preciso para Te dar a conhecer a todos aqueles com quem, todos os dias, eu contacto. Gostaria apenas que, quando os outros me veem ou me escutam, pudessem descobrir-Te a ti, ó Jesus, incansável pescador de homens. Amen.

3.3. *Rezar com a Palavra de Deus?*

«*Senhor, ensina-nos a rezar!*» (cf. *Lc* 11,1). Hoje, mais que nunca, é visível no coração dos crentes o desejo de aprender a rezar. Ao longo dos séculos, os grandes mestres da espiritualidade oriental e ocidental encontraram e sugeriram métodos, definindo técnicas mais ou menos eficazes para aprofundar a arte da oração.

Nos últimos anos, registou-se um crescimento exponencial no número das escolas de oração no âmbito pastoral, como proposta educativa eficaz para a valorização humana e espiritual das comunidades cristãs, evidenciando nessa perspectiva o desejo ardente do coração humano que se dá conta da necessidade de se encontrar com o coração de Deus através da oração. Por isso, é necessário perguntar-se qual a tipologia mais adequada para cumprir a tarefa de uma boa oração.

O substantivo “*precarius*” (pobre, precário) donde deriva o verbo latino “*precare*” (fazer preces, rezar) predispõe as nossas sensibilidades para a compreensão de um elemento essencial donde partir, ou seja, o da pobreza da natureza humana. A oração nasce de um desejo de colmatar uma necessidade de algo que nos faz falta e que se pode obter apenas pedindo-o.

O apelo dos discípulos sobre a importância de aprender a rezar traduz-se, neste sentido, na necessidade que cada pessoa sente de colmatar o abismo que a separa de Deus, permitindo que Ele entre no seu coração. Ele, invisível e aparentemente silencioso, manifesta-Se no diálogo que desabrocha no coração do homem (“*cor ad cor loquitur*”). Um diálogo que, em muitas ocasiões, corre o risco de passar de “*piadosa oração*” a um monólogo em que o homem desafoga os seus desejos mais despropositados, relegando o parceiro divino para a condição de alguém obrigado a escutar em silêncio. O eco do nosso “eu” que sentimos nas nossas invocações é sinal claro do mutismo divino.

O caminho para voltar a caminhar precedidos e acompanhados pelo agir de Deus é o da escuta da sua *Palavra*. À pergunta sobre se é possível rezar com a *Palavra de Deus*, respondemos com extrema clareza: ela é a fonte da oração. O primeiro lugar compete à voz de Deus, seguindo-se depois, num segundo momento, a escuta do homem, uma vez que “a fé vem da escuta” (cf. *Rm* 10,17).

Há uma história ao estilo hebraico que ajuda a esclarecer a importância da *Palavra* no âmbito da oração. Um velho rabino, mestre de oração, o rabino Shelomoh, foi interrogado por um seu discípulo: “Mestre, por que é que Deus não escutou os meus pedidos? Falei com ele longamente e, durante várias horas, expus-lhe insistentemente as minhas necessidades”. A resposta do rabino não se fez esperar: “Porque não permitiste que Ele falasse”. Uma breve história que, no entanto, coloca em evidência a verdadeira condição que predispõe o crente para alcançar a eficácia na oração.

A *Palavra de Deus* representa o início da história da salvação que Ele constrói connosco e ilumina os passos da vida humana. Aprender a rezar com a *Palavra divina* significa assumir profundamente na própria vida o mistério de Deus que ilumina e patenteia o mistério do homem. Seguir os sinais divinos que vamos descobrindo na sua *Palavra acolhida, meditada e saboreada* no

espaço da oração pessoal introduz a nossa vida na dinâmica sapiencial de caminhar orientados por uma presença consoladora que patenteia a beleza e o bem da vida crente.

A *Palavra divina* lança os alicerces que sustentam a casa da oração, onde se deve acolher Deus e celebrar o memorial da salvação. Refletir sobre a metodologia com que Jesus “*chama*”, de que o Evangelho faz eco em múltiplos passos, é causa de admiração. O extraordinário é perceptível na essencialidade da dinâmica relacional estabelecida entre o Mestre e os seus interlocutores. É paradigmático o episódio de Zaqueu. O efeito da conversão realiza-se no gesto simples, essencial, extraordinariamente profundo de quando o seu nome é pronunciado. Um homem com mil rótulos: e Deus recorda-se dele com o seu nome verdadeiro. Isto transforma-se em celebração da salvação.

A oração é essencialmente um desejo de sentir que Deus nos ama, se recorda de nós, pronuncia o nosso nome. A leitura dos textos sagrados sugere no coração do homem as palavras que se tornam resposta ao apelo divino. É nesta dimensão orante que poderíamos interpretar o episódio da visita de Jesus à casa de Betânia. As duas irmãs de Lázaro, Marta e Maria, são o reflexo de duas atitudes paradigmáticas para a vida espiritual: a primeira, atarefada com mil serviços, predispõe o seu coração para o acolhimento do Divino Mestre com a certeza insipiente de quem tenta criar espaço para Deus com o coração já ocupado; a segunda é o protótipo do crente que se deixa envolver e acolher pelo mistério divino descobrindo nele a fisionomia do seu ser. “*A parte melhor*” torna-se, assim, a condição necessária para viver uma oração de diálogo eficaz entre o homem e Deus.

A Palavra suscita também o desejo de rezar pelos outros que partilham a nossa condição humana. Esta tarefa mede-se diretamente com o progresso pessoal no caminho de fé porque “*um cego não pode guiar outro cego*” (cf. *Lc 6,42*). Um exemplo significativo que encontramos na Bíblia é o livro dos Salmos. É um livro de oração em que as palavras humanas, inspiradas pelo Espírito Santo, se tornam *Palavra de Deus*. É possível rezar com a *Palavra* e também é possível que a *Palavra* se torne oração por meio da pobreza do nosso coração enriquecido pela presença de Deus. A oração da *Palavra* e a *Palavra* rezada criam as condições necessárias para acolher e sentir a presença real de Deus.


A Igreja que *proclama, conserva e transmite a Palavra divina* deve ser considerada uma escola de oração, onde se pode aprender a rezar. Nela, é necessária a presença de valorosos mestres de oração que ajudem a mostrar a direção a seguir para um caminho de progressiva aprendizagem da arte de saber rezar que encontra na *Palavra de Deus* a principal referência e a fonte de onde tirar água pura e cristalina da Sabedoria divina. Mas para que tudo isto se realize é necessário rezar, e rezar bem, não com as palavras, mas com a *Palavra*!

Proposta de oração pessoal

- Invoca o Espírito Santo... *Veni Sancte Spiritus*...
- Criar o ambiente adequado para manter uma boa concentração: evitar lugares ruidosos, espaços demasiado amplos. O quarto é uma sugestão.
- Encontrar um passo específico da Sagrada Escritura sobre o qual rezar.
- Dar-se conta de estar na presença da *Palavra Viva*.

- É necessário ler o passo escolhido com atenção, em voz baixa ou alta, tendo consciência de não se estar diante de um jornal.
- Depois de ter lido, sublinhar as palavras que suscitam maior interesse.
- Refletir sobre as palavras sublinhadas. O que significam? Que sugerem à vida? A quem se dirige essa frase?
- Em que medida a *Palavra* escutada tem a ver com a minha vida pessoal, com a condição em que me encontro?
- Pensar em fazer perguntas, pedidos dirigidos a Deus, não se esquecendo de envolver os outros.
- Refletir sobre o que Deus deseja de mim.
- Rezar com a *Palavra*: deixar que a vida seja penetrada pela *Palavra* escutada.
- Dar graças a Deus e, com esse agradecimento, concluir o momento de oração pessoal.

4. Apêndice: Igreja e Palavra de Deus

 “O afeto pela Sagrada Escritura, um terno e vivo amor à Palavra de Deus escrita é a herança” que os Santos Padres e os Papas deixaram à Igreja através da sua vida e das suas obras. Alguns deles consagraram as suas “forças a tornar as palavras divinas cada vez mais acessíveis aos outros”, como fez São Jerónimo. Deixemo-nos guiar pelos seus ensinamentos para nos enamorarmos cada vez mais da “carne da Escritura” que é Cristo. (cf. *Scripture Sacrae affectus*)

4.1. A Voz dos Padres da Igreja

A celebração do *Domingo da Palavra de Deus* deste ano dá voz a São Jerónimo, Padre e Doutor da Igreja, cujo XVI centenário da morte foi recordado pelo Papa Francisco com a Carta Apostólica *Scripturae Sacrae affectus*, promulgada a 30 de setembro de 2020.

Comentário exegético a Mc 1,14-20

Ao comentar o Evangelho deste Domingo, São Jerónimo concentra-se em dois aspetos: depois de João Batista ter sido preso, Jesus, em vez de ir a Jerusalém, centro do poder político e religioso, dirige-se para a região da Galileia, uma periferia, e partindo daí anuncia a *boa notícia* do Reino de Deus.

« Depois de João ter sido preso, Jesus voltou para a Galileia» (Mc 1,14).

Este relato é conhecido e parece ser claro para quem o escuta, mesmo sem a nossa explicação. No entanto, rezemos àquele que tem a chave de David, Àquele que abre e ninguém fecha, que fecha e ninguém abre (Ap 3, 7), para que nos abra o caminho recôndito do Evangelho, e também nós possamos dizer juntamente com David: “Mostra-Te diante dos meus olhos e eu contemplarei as maravilhas da tua lei” (Sl 118,18). Às multidões o Senhor falava em parábolas, e falava exteriormente. Não falava no íntimo, isto é, no espírito; falava com a linguagem exterior, conforme a letra. Rezemos ao Senhor, para que nos introduza nos seus mistérios, nos faça entrar nos seus aposentos secretos e que também nós possamos dizer, juntamente com a esposa do Cântico dos Cânticos: “O rei fez-me entrar nos seus aposentos” (Ct 1,4). O apóstolo diz que foi colocado um véu a cobrir os olhos de Moisés (2Cor 3,13). Eu digo que não só no caso da lei, mas também no do Evangelho um véu cobre os olhos de quem não sabe. O judeu escutou-o, mas não o compreendeu: para ele o Evangelho estava velado. Os gentios escutam, escutam os hereges, mas também para eles está velado. Abandonemos a letra com os judeus e sigamos o espírito com Jesus: e não porque devemos condenar a letra do Evangelho (verificou-se tudo o que foi escrito), mas para poder subir gradualmente em direção às coisas mais elevadas. «Depois de João ter sido preso, Jesus voltou para a Galileia». No domingo passado, dissemos que João é a lei e que Jesus é o Evangelho. De facto, João diz: “Vai chegar depois de mim Alguém que é mais forte do que eu e eu não sou digno de me inclinar para desatar as correias das suas sandálias” (Mc 1,7) E noutra lugar: “Ele deve crescer e eu diminuir” (Jo 3,30). A comparação entre João e Jesus é a comparação entre a lei e o Evangelho. João diz ainda: “Eu batizo na água” – é a lei – e “Ele batizar-vos-á no Espírito Santo” (Mc 1,8) – é o Evangelho. Portanto, Jesus volta, porque João foi preso na cadeia. A lei foi aprisionada, deixou de ter a liberdade do passado: mas da lei passamos ao Evangelho. Estai atentos àquilo que Marcos diz: «Depois de João ter sido preso, Jesus voltou para a Galileia». Não foi para a Judeia, nem

para Jerusalém, mas para a Galileia dos gentios. Enfim, Jesus regressa à Galileia: na nossa língua, Galileia traduz o termo grego *kataklyste* (“que foi baixada”). Porque, antes da chegada do Salvador, não havia naquela região nada de elevado, mas, pelo contrário, tudo se precipitava para baixo: alastrava-se a luxúria, a abjeção, a impudicícia e os homens estavam reféns dos vícios e dos prazeres animalescos.

«Pregando a boa nova do reino de Deus» (*Mc 1,14*).

Tanto quanto posso recordar, nunca ouvi falar do reino dos céus na Lei, nos profetas ou nos salmos, mas somente no Evangelho. O reino de Deus foi-nos aberto depois de ter vindo Aquele que disse: “O reino de Deus está no meio de vós” (*Lc 17,21*), que o reino de Deus está aberto diante de nós. De facto, Jesus chegou, pregando a boa nova do reino de Deus. “Desde os dias de João Baptista, o reino dos céus tem sido objeto de violência e os violentos apoderam-se dele” (*Mt 11,12*): antes da vinda do Salvador e da luz do Evangelho, antes que Cristo, com o ladrão, abrisse a porta do paraíso, todas as almas dos santos eram conduzidas aos infernos. Jacob diz: “Chorando e gemendo descerei aos infernos” (*Gn 37,35*). Quem não irá para os infernos, se Abraão está nos infernos? De facto, na lei, Abraão vai para os infernos; no Evangelho, o ladrão vai para o paraíso. Não desdenhamos Abraão, em cujo seio todos desejamos descansar, mas preferimos Cristo a Abraão, o Evangelho à Lei. Lemos que, depois da ressurreição de Cristo, muitos santos apareceram na cidade santa. O nosso Senhor e Salvador pregou na terra e também nos infernos: e quando morreu, deu aos infernos para libertar as almas que aí estavam prisioneiras. “Pregando a boa nova do reino de Deus e dizendo: cumpriu-se” o tempo da lei, chegou o princípio do Evangelho, “está próximo o reino de Deus” (*Mc 1,14-15*). Não disse: já chegou o reino de Deus; mas disse que o reino estava próximo. Quer dizer: antes de eu sofrer a paixão, antes de eu derramar o meu sangue, não se abrirá o reino de Deus; por esta razão, agora está próximo, mas não está aqui, porque ainda não sofri a paixão. “Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova” (*Mc 1,15*): acreditai, não já na lei, mas no Evangelho, ou melhor, acreditai no Evangelho por meio da lei, tal como está escrito: “Da fé para a fé” (*Rm 1,17*). A fé na lei fortalece a fé no Evangelho.

São Jerónimo, *Comentário ao Evangelho de Marco*, 1-2 (Homilia 76)

A Palavra de Deus na educação dos filhos

São Jerónimo dá alguns conselhos a Leta, uma mulher nobre romana, para a educação da sua filha Paula. Exorta-a a ensinar a sua filha a valorizar, conhecer e rezar com a Sagrada Escritura.

“Ame os livros divinos em vez das pedras preciosas e dos vestidos de seda; neles, porém, não se deleite com as miniaturas de ouro ou de couro da Babilónia, mas em reproduzir sabiamente a sua redação com sinais diacríticos no texto original. A primeira coisa que deve aprender é o Saltério; os Salmos devem fazê-la esquecer

as cançonetas. Depois, dos Provérbios de Salomão tire as normas para a vida. Com o Eclesiastes deve habituar-se a considerar as coisas do mundo como nada. No livro de Job deve procurar imitar os exemplos de fortaleza e de paciência. Depois, passe para os Evangelhos, que as suas mãos nunca deveriam pousar. Com todo o desejo do seu coração, mate a sede nos Atos dos Apóstolos e nas Cartas”.

São Jerónimo, *Carta CVII*, 12

“Com exemplo, habitue-a a levantar-se de noite para a oração e o canto dos Salmos, para cantar os hinos até à aurora... Assim deve passar o dia, e a noite deve encontrá-la nesta atividade. Depois da oração deve vir a leitura [dos livros divinos]; depois da leitura a oração”.

São Jerónimo, *Carta CVII*, 9

“A sua língua, enquanto ainda é tenra, deve impregnar-se da suavidade dos Salmos”.

São Jerónimo, *Carta CVII*, 4

4.2. A Voz dos Papas

Homilia no Domingo da Palavra de Deus de 2020

Comentando na Basílica de São Pedro os textos da liturgia do dia, em que se celebrava pela primeira vez o *Domingo da Palavra de Deus*, o Papa Francisco convidou todos a acolher sempre com amor o dom da *Palavra divina*, contida na Sagrada Escritura, no fundo do coração. Esta foi a reflexão do Santo Padre.

«*Jesus começou a pregar*» (Mt 4,17): é assim que o evangelista Mateus introduz o ministério de Jesus. Ele, que é a *Palavra de Deus*, veio para nos falar, com as suas palavras e a sua vida. Neste primeiro *Domingo da Palavra de Deus*, vamos às origens da sua pregação, às fontes da Palavra de vida. Ajuda-nos o Evangelho de hoje (Mt 4,12-23), que nos diz *como, onde e a quem* Jesus começou a pregar.

1. *Como* iniciou? Com uma frase muito simples: «*Converti-vos, porque está próximo o reino dos céus*» (4,17). Esta é a base de todos os seus discursos: dizer-nos que o reino dos céus está próximo. E que significa isto? Por reino dos céus entende-se o reino de Deus, ou seja, o seu modo de reinar, de Se posicionar em relação a nós. Ora, Jesus diz-nos que o reino dos céus *está próximo*, que Deus está próximo. Aqui está a novidade, a primeira mensagem: Deus não está longe, Aquele que habita nos céus desceu à terra, fez-Se homem. Removeu as barreiras, eliminou as distâncias. Não é mérito nosso: Ele desceu, veio ao nosso encontro. E esta proximidade do seu povo é um hábito de Deus, desde o princípio, mesmo do Antigo Testamento. Dizia Ele ao povo: «*Pensa bem! Que povo tem os seus deuses tão próximos, como Eu estou próximo de ti?*» (cf. Dt 4,7). E esta proximidade fez-se carne em Jesus.

É uma mensagem de alegria: Deus veio pessoalmente visitar-nos, fazendo-Se homem. Não tomou a nossa condição humana por um sentido de responsabilidade – Não! – mas por amor. Por amor assumiu a nossa humanidade, porque se assume aquilo que se ama. E Deus assumiu a nossa humanidade, porque nos ama e, gratuitamente, quer dar-nos a salvação que, sozinhos, não poderíamos obter. Deseja estar connosco, dar-nos a beleza de viver, a paz do coração, a alegria de ser perdoados e de nos sentirmos amados.

Então, compreendemos o convite direto de Jesus: «*converti-vos*», isto é, «*mudai de vida*». Mudai de vida, porque começou um modo novo de viver: acabou o tempo de viver para nós mesmos, começou o tempo de viver com Deus e para Deus, com os outros e para os outros, com amor e por amor. Hoje, Jesus repete também a ti: «*Coragem, estou próximo de ti, arranja espaço para Mim e a tua vida mudará!*» Jesus bate à porta. É para isto que o Senhor te dá a sua Palavra: para que a recebas como a carta de amor que escreveu para ti, para te fazer sentir que Ele está junto de ti. A sua Palavra consola-nos e encoraja-nos. Ao mesmo tempo, provoca a conversão, sacode-nos, liberta-nos da paralisia do egoísmo. Porque a

sua Palavra tem este poder: o poder de mudar a vida, de transferir da escuridão para a luz. Esta é a força da sua Palavra.

2. Se virmos bem *onde* é que Jesus começou a pregar, descobrimos que o fez precisamente a partir das regiões então consideradas «tenebrosas». De facto, a Primeira Leitura e o Evangelho falam-nos daqueles que jaziam «*na sombria região da morte*»: são os habitantes da «*terra de Zabulão e Neftali, caminho do mar, região de além do Jordão, Galileia dos gentios*» (Mt 4,15-16; cf. Is 8,23–9,1). Galileia dos gentios: assim se chamava a região onde Jesus começou a pregar, porque era habitada por pessoas muito diferentes entre si formando uma verdadeira amálgama de povos, línguas e culturas. De facto, era aí o caminho do mar, que constituía uma encruzilhada. Aí viviam pescadores, comerciantes e estrangeiros: não era, certamente, o lugar onde se encontrava a pureza religiosa do povo eleito. E, no entanto, Jesus começou por lá: não pelo átrio do templo de Jerusalém, mas pelo lado oposto do país, pela Galileia dos gentios, por um lugar de fronteira. Começou a partir de uma periferia.

Disto mesmo podemos tirar uma lição: a Palavra que salva não procura lugares resguardados, esterilizados, seguros. Vem às complicações dos nossos dias, às nossas escuridões. Hoje, como então, Deus deseja visitar os lugares onde pensamos que Ele não chega. Quantas vezes, porém, somos nós que fechamos a porta, preferindo manter escondidas as nossas confusões, opacidades e duplicidades. Selamo-las dentro de nós, enquanto vamos ter com o Senhor com alguma oração formal, tendo cuidado para que a sua verdade não nos abale intimamente. Isto, porém, é uma hipocrisia escondida. Mas, como diz o Evangelho de hoje, Jesus «começou a percorrer toda a Galileia, [...] proclamando o Evangelho do Reino e curando entre o povo todas as doenças e enfermidades» (v. 23): começou a atravessar *toda* aquela região multiforme e complexa. Do mesmo modo, não tem medo de explorar os nossos corações, os nossos lugares mais ásperos e difíceis. Jesus sabe que só o seu perdão nos cura, só a sua presença nos transforma, só a sua Palavra nos renova. A Ele que percorreu o caminho do mar, abramos os nossos caminhos mais tortuosos – os que temos no nosso interior e não queremos ver ou ocultamos –, deixemos entrar em nós a sua Palavra, que é «*viva, eficaz; [...] discerne os sentimentos e intenções do coração*» (Heb 4,12).

3. Por fim, *a quem* começou Jesus a falar? O Evangelho diz que, «*caminhando ao longo do mar da Galileia, [Jesus] viu dois irmãos [...] que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: “Vinde comigo e Eu farei de vós pescadores de homens”*» (Mt 4,18-19). Os primeiros destinatários do chamamento foram alguns pescadores: não pessoas cuidadosamente selecionadas com base nas suas capacidades, nem homens piedosos que estavam no templo a rezar, mas pessoas comuns que estavam a trabalhar.

Vejamos o que Jesus lhes disse: *farei de vós pescadores de homens*. Fala a pescadores e usa uma linguagem que eles são capazes de compreender. Atrai-os a partir da sua própria vida: chama-os ali mesmo, no lugar onde estão e tal como

são, para os envolver na sua própria missão. «*E eles deixaram as redes imediatamente e seguiram-n'O*» (v. 20). Porquê *imediatamente*? Simplesmente porque se sentiram atraídos. Não foram rápidos e despachados por terem recebido uma ordem, mas porque foram atraídos pelo amor. Para seguir Jesus, não bastam bons propósitos; é preciso ouvir todos os dias o seu chamamento. Só Ele, que nos conhece e nos ama profundamente, nos leva a fazer-nos ao largo no mar da vida. Tal como fez com aqueles discípulos que O escutaram.

Por isso, precisamos da sua Palavra: de escutar, no meio dos milhares de palavras de cada dia, a única Palavra que não nos fala de coisas, mas que nos fala de vida.

Queridos irmãos e irmãs, demos espaço no nosso interior à Palavra de Deus! Leiamos diariamente algum versículo da Bíblia. Começemos pelo Evangelho: tê-lo aberto na mesinha de cabeceira, em casa, trazê-lo connosco no bolso ou na pasta, vê-lo no telemóvel, deixar que nos inspire todos os dias. Descobriremos que Deus está perto de nós, que ilumina as nossas trevas e que nos conduz amorosamente para o alto mar a nossa vida.

Francisco, *Homilia*, 26 de janeiro de 2020

Linhas mestras para realizar a Lectio Divina

Como conclusão do Sínodo sobre a *Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, o Papa Bento XVI publicou a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini*. Aí se explica como se deveria realizar uma *Lectio divina*, ou seja, uma “*leitura orante*” das Sagradas Escrituras.

A *lectio divina* «é verdadeiramente capaz não só de desvendar ao fiel o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva». Quero aqui lembrar, brevemente, os seus passos fundamentais: começa com a leitura (*lectio*) do texto, que suscita a interrogação sobre um autêntico conhecimento do seu conteúdo: *o que diz o texto bíblico em si?* Sem este momento, corre-se o risco de o texto se tornar apenas um pretexto para nunca ir para além dos nossos pensamentos. Segue-se, depois, a meditação (*meditatio*), durante a qual nos perguntamos: *que nos diz o texto bíblico?* Aqui cada um, pessoalmente, mas também como realidade comunitária, deve deixar-se sensibilizar e pôr em questão, porque não se trata de considerar palavras pronunciadas no passado, mas no presente. Sucessivamente, chega-se ao momento da oração (*oratio*), que supõe a pergunta: *que dizemos ao Senhor, em resposta à sua Palavra?* A oração enquanto pedido, intercessão, ação de graças e louvor é o primeiro modo como a Palavra nos transforma. Finalmente, a *lectio divina* conclui-se com a contemplação (*contemplatio*), durante a qual assumimos como dom de Deus o seu próprio olhar, ao julgar a realidade, e interrogamo-nos: *qual é a conversão da mente, do coração e da vida que o Senhor nos pede?* São Paulo, na *Carta aos Romanos*, afirma: «Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, a fim de conhecerdes a vontade

de Deus: o que é bom, o que Lhe é agradável e o que é perfeito» (12,2). De facto, a contemplação tende a criar em nós uma visão sapiencial da realidade segundo Deus e a formar em nós «o pensamento de Cristo» (1Cor 2,16). Aqui a Palavra de Deus apresenta-se como critério de discernimento: ela é «viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes; penetra até dividir a alma e o corpo, as juntas e as medulas e discerne os pensamentos e intenções do coração» (Heb 4,12). Há que recordar ainda que a *lectio divina* não está concluída, na sua dinâmica, enquanto não chegar à ação (*actio*), que impele a existência crente a fazer dom para os outros na caridade.

Encontramos estes passos sintetizados e resumidos, de forma sublime, na figura da Mãe de Deus. Modelo para todo o fiel de acolhimento dócil da Palavra divina, Ela «conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (Lc 2,19; cf. 2,51), e sabia encontrar o nexos profundo que une os acontecimentos, os atos e as coisas, aparentemente desconexos, no grande desígnio divino.

Bento XVI, *Verbum Domini*, 87

A importância da oração na leitura e na interpretação dos textos bíblicos

No discurso proferido que proferiu durante a audiência comemorativa do centenário da Encíclica *Providentissimus Deus*, de Leão XIII, e do cinquentenário da Encíclica *Divino afflante Spiritu*, de Pio XII, São João Paulo II sublinhou a importância da *oração na leitura e na interpretação* dos textos bíblicos.

Para respeitar a coerência da fé da Igreja e da inspiração da Escritura, a exegese católica deve estar atenta a não se limitar aos aspetos humanos dos textos bíblicos. É preciso que Ela, também e sobretudo, ajude o povo cristão a perceber mais nitidamente nestes textos a Palavra de Deus, de modo a acolhê-la melhor, para viverem plenamente em comunhão com Deus.

Para este fim, é evidentemente necessário que o próprio exegeta perceba nos textos a palavra divina, e isto não lhe é possível, a não ser se o seu trabalho intelectual for suportado por um impulso de vida espiritual.

Se faltar este suporte, a investigação exegética fica incompleta; perde de vista a sua finalidade principal e fica-se por tarefas secundárias. Pode até tornar-se uma espécie de evasão. O estudo científico apenas dos aspetos humanos dos textos pode levar a esquecer que a Palavra de Deus convida cada um a sair de si mesmo para viver na fé e na caridade.

A encíclica *Providentissimus Deus* recordava, a este propósito, o carácter particular dos Livros Sagrados e a exigência que daí resulta para a sua interpretação: «Os Livros Sagrados – declarava ela – não podem ser comparados aos escritos ordinários mas, uma vez que foram ditados pelo próprio Espírito Santo e têm um conteúdo de extrema gravidade, misterioso e difícil sob muitos

aspectos, para os compreender e explicar, precisamos sempre da vinda deste mesmo Espírito Santo, ou seja, da sua luz e da sua graça, que evidentemente é necessário pedir através de uma oração humilde e conservar mediante uma vida santificada» (*Enchiridon Biblicum*, 89). Numa fórmula mais breve, tirada de Santo Agostinho, a *Divino afflante Spiritu* exprimia a mesma exigência: «*Orent ut intellegant!*» («Rezem para compreender»: *Enchiridon Biblicum*, 569).

Sim, para chegar a uma interpretação plenamente válida das palavras inspiradas pelo Espírito Santo, devemos nós mesmos ser guiados pelo Espírito Santo e, para isso, é preciso rezar, rezar muito, pedir na oração a luz interior do Espírito e acolher docilmente esta luz, pedir o amor, o único que nos torna capazes de compreender a linguagem de Deus, que «é amor» (*1Jo* 4,8.16). Durante o próprio trabalho de interpretação, é necessário manter-se o máximo possível na presença de Deus.

João Paulo II, *Do Discurso sobre a interpretação da Bíblia na Igreja*, 23 de abril de 1993.

4.3. *Catequese e Palavra de Deus à luz do novo Diretório*

No dia 25 de junho de 2020, o *Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização* apresentou o *Diretório para a Catequese*, aprovado pelo Papa Francisco a 23 de março, dia em que a Igreja celebra a memória de São Turíblio de Mogrovejo, fiel e apaixonado anunciador do Evangelho na América do Sul do século XVI.

Seguindo a direção dos anteriores Diretórios catequéticos, de 1971 e de 1997, o novo documento tem a finalidade de *sustentar e relançar* a missão evangelizadora de toda a Igreja e, particularmente, *o serviço da catequese*, em relação à sensibilidade e às circunstâncias de hoje. Com efeito, como recorda a exortação apostólica *Evangelii gaudium* do Santo Padre, uma tarefa peculiar do tempo que estamos a viver é levar a cabo, em todos os campos da dinâmica eclesial, uma corajosa “conversão missionária”, que faça com que todas as coisas se tornem “um canal adequado à evangelização do mundo atual” (EG 27).

Entre a Igreja, que “existe para evangelizar” (EN 14), e *a Palavra de Deus*, que é o núcleo profundo da evangelização, *há um vínculo de necessidade vital e urgente* (DC 283-289), vínculo que percorre transversalmente todo o *Diretório* e como que constitui a sua alma. À luz deste binómio, é possível reler todo o documento.

Tomando como ponto de partida o desígnio providencial de Deus, que revela aos homens o seu mistério de amor, o *Diretório* afirma: “*O Espírito Santo continua a fecundar a Igreja que vive da Palavra de Deus e sempre a faz crescer na compreensão do Evangelho, enviando-a e apoiando-a na obra de evangelização do mundo. O próprio Espírito, a partir do coração da humanidade, semeia a semente da Palavra; suscita desejo e obras de bem; prepara o acolhimento do Evangelho e concede a fé, para que, através do testemunho da Igreja, os homens possam reconhecer a presença e a comunicação amorosa de Deus*”. A Igreja, que tem a alegria de guardar e transmitir a Palavra de vida que recebeu como dom, fá-lo por meio da Tradição e da Sagrada Escritura (DC 23-30).

Não há dúvida que *a catequese ocupa um lugar de importância vital* entre as numerosas “formas” através das quais se realiza o “*serviço da Palavra*”, ou seja, “o primeiro anúncio; as várias tipologias de catequese; a homilia e a pregação; a leitura orante, também sob a forma de *lectio divina*; a piedade popular; o apostolado bíblico; o ensino da teologia; o ensino da religião nas escolas; estudos e encontros que colocam em relação a Palavra de Deus e a cultura contemporânea, também num confronto inter-religioso e intercultural” (DC 37).

No coração do verbo grego *katechein* do qual deriva a palavra “catequese”, é possível reconhecer a referência essencial à Palavra de Deus que *ressoa* na Igreja e no coração das pessoas, *como eco* atual de um anúncio de vida que já venceu a morte para sempre. Talvez se pudesse afirmar com toda a certeza que cada tipo de catequese – independentemente de ser um *primeiro anúncio do Evangelho*, um *itinerário de iniciação cristã* ou um *percurso de formação permanente*, de se dirigir a crianças e adolescentes ou a jovens e adultos – é sempre um anúncio da Palavra de Deus, que revela a força do amor misericordioso de Deus.

Recordando as indicações já expressas na *Evangelii gaudium*, tudo isto é indicado no novo *Diretório para a catequese* com o nome de “catequese querigmática”, isto é, uma catequese que, nascendo da Palavra e com base nela, deseja essencialmente manifestar o *querigma*, o “fogo do Espírito” que faz acreditar em Jesus Cristo e comunica a misericórdia do Pai (DC 57-60).

É a partir desta consideração que a comunidade cristã deve verificar em que medida a sua ação catequética é capaz de perseguir concretamente o objetivo de colocar os seus filhos em contacto existencial com o núcleo da fé, contido nas Sagradas Escrituras e celebrado nos Sacramentos. Com efeito, no tempo da nova evangelização, *a catequese é chamada a valorizar com mais audácia a força da Palavra*, fazendo com que cada fiel tenha à disposição o tesouro precioso da Escritura, que permite encontrar-se com o Senhor da vida e permanecer em comunhão com Ele.

Talvez seja precisamente a simplicidade desta consideração que, por assim dizer, leva a *alivar a catequese daquilo que, ao longo dos tempos, a foi tornando pesada*, reduzindo-a não raras vezes a um mero “ensino da fé”, desligado de uma experiência viva dessa mesma fé, ou a uma “exposição moralista”, longe de um encontro com o Senhor que, pelo contrário, liberta e renova interiormente o coração da pessoa humana. O Papa Francisco ilustra este perigo com estas palavras: “Por vezes, mesmo ouvindo uma linguagem totalmente ortodoxa, aquilo que os fiéis recebem, devido à linguagem que eles mesmos utilizam e compreendem, é algo que não corresponde ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. Com a santa intenção de lhes comunicar a verdade sobre Deus e o ser humano, nalgumas ocasiões, damos-lhes um falso deus ou um ideal humano que não é verdadeiramente cristão. Deste modo, somos fiéis a uma formulação, mas não transmitimos a substância” (EG 41).

Para que a proposta catequética seja um autêntico serviço ao Evangelho, o *Diretório* identifica alguns “*critérios para o anúncio da mensagem evangélica*” que permitem que a catequese continue firmemente inspirada na pedagogia de Deus, narrada nas Sagradas Escrituras.

- *Critério trinitário e cristológico*: dever-se-á, antes de mais, colocar em evidência o carácter trinitário e cristocêntrico da fé: “O anúncio do Evangelho é apresentar Cristo e tudo o resto por referência a Ele” (DC 168-170).
- *Critério histórico-salvífico*: “A economia da salvação tem um carácter histórico, uma vez que se realiza no tempo. A Igreja, ao transmitir hoje a mensagem cristã a partir da viva consciência que tem desta mensagem, recorda constantemente os acontecimentos salvíficos do passado, narrando-os” (DC 171-173).
- *Critério do primado da graça e da beleza*: a catequese que tem a Palavra de Deus como fundamento deve ser “uma catequese da graça”, capaz de mostrar “a beleza do Evangelho que nos lábios de Jesus ressoou para todos” (DC 174-175).
- *Critério da eclesialidade*: “quando a catequese transmite o mistério de Cristo, na sua mensagem ressoa a fé de todo o Povo de Deus ao longo do curso da história” (DC 176).

Juntando estes critérios, *as diversas propostas catequéticas*, adaptadas às situações e aos interlocutores, *poderão evidenciar que a Palavra é uma força viva* que, como uma espada afiada, entra no íntimo da pessoa humana (cf. *Heb* 4,12), aquecendo (cf. *Lc* 24, 32), e como uma lâmpada acompanha o seu caminho (cf. *Sl* 119,105). Portanto, é, mais que nunca, urgente colocar em campo

todo o esforço possível para que *a catequese se refira à Palavra de Deus como a sua fonte essencial*. Na verdade, mesmo as outras fontes da catequese – o Magistério, a liturgia, o testemunho dos santos e dos mártires, a teologia, a cultura cristã, a beleza – “remetem para a Palavra de Deus, da qual são expressão” (DC 90-109).

O processo de renovação da catequese não será possível senão a partir de uma renovada disponibilidade por parte da comunidade eclesial para se colocar a “escutar religiosamente a Palavra de Deus” (DV 1), sendo ela mesma a ser a primeira a redescobrir o Evangelho que anuncia: *o novo anúncio do Evangelho pede à Igreja uma escuta renovada do Evangelho*, juntamente com os seus interlocutores” (DC 59). Na linha desta sugestão, não é inútil reiterar que aqueles que, na comunidade são escolhidos para exercer ativamente um serviço para o anúncio do Evangelho – ministros ordenados, religiosos, leigos – devem ser os primeiros a sentir que são convidados a alimentar-se do pão de cada dia da Palavra, para que o anúncio floresça com naturalidade da abundância do seu coração.

A este propósito, o novo *Diretório* reconhece que o “*ministério da catequese*” é uma forma particularmente significativa de serviço à Palavra de Deus, necessário para o crescimento na fé e para a edificação da Igreja (DC 110-113). A presença de numerosos(as) catequistas na pastoral ordinária da comunidade cristã exige, por isso, que se dê uma atenção adequada à sua *formação*. Na dimensão formativa relativa ao *ser* do catequista (DC 139-142), é preciso velar para que ele cresça como “guardião da memória de Deus”, acompanhando-o no seu itinerário espiritual pessoal à luz da Palavra. Além disso, não se deve descurar a dimensão do *saber*, que amadurece, antes de mais, com a familiaridade e o estudo da Sagrada Escritura (DC 143-144).

Desejando, por fim, identificar algumas linhas metodológicas que ajudem os evangelizadores a encontrar percursos para o anúncio da Palavra na realidade atual, o *Diretório* sugere *a via da linguagem narrativa*: “a comunidade eclesial toma cada vez mais consciência da identidade narrativa da própria fé, como testemunha a Sagrada Escritura nos grandes relatos das origens, dos patriarcas e do povo eleito, na história de Jesus, narrada nos Evangelhos, e nos relatos dos inícios da Igreja” (DC 207). Num clima cultural em que as novas gerações estão expostas quase exclusivamente às narrações ditadas pelas redes sociais, a narração bíblica mediada pela catequese – ou melhor, uma catequese que faz da narração um dos seus pontos fortes – permite levar a cabo “uma interligação profunda entre a história de Jesus, a fé da Igreja e a vida daqueles que a contam e a escutam” (DC 208).

No fundo, a redescoberta da dimensão bíblica da catequese é animada pelo desejo de ajudar cada destinatário a encontrar nas páginas da Sagrada Escritura Aquele que é a Palavra viva, rocha no meio das canseiras da vida, sobre a qual construir uma casa que permanece firme.

4.4. O Logo



O Logo do Domingo da Palavra de Deus inspira-se no passo evangélico dos discípulos de Emaús (cf. *Lc 24,13-33*) e coloca em evidência o tema da relação entre os viandantes, expresso através de olhares, gestos e palavras. Jesus é figurado como Aquele que «se aproxima e caminha com» a humanidade (*Lc 24,15*), «habitando no meio» (*Jo 1,14*). N'Ele «não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; todos somos um só em Cristo Jesus» (*Gl 3,28*).

Caminhando entre os seus, Ele dá novo vigor aos seus passos, indicando os horizontes da evangelização, simbolizados no logo com a estrela: «Ele chama as suas ovelhas, cada uma delas pelo seu nome, e leva-as para fora. Depois de ter feito sair todas as que lhe pertencem, caminha à sua frente e as ovelhas seguem-no, porque conhecem a sua voz» (*Jo 10,3-4*).

As suas palavras formam um todo com aquelas que estão contidas no rolo que Ele tem nas mãos: «Quem é digno de abrir o livro e quebrar os seus selos?» (*Ap 5,2*). Se, diante dos mistérios da história, os dois discípulos estão confusos, logo recebem ânimo: «Não choreis! O leão da tribo de Judá, o Rebento de David, alcançou a vitória; Ele abrirá o livro e os seus sete selos» (*Ap 5,5*). «Começando por Moisés e passando pelos Profetas, explicou-lhes em todas as Escrituras o que Lhe dizia respeito» (*Lc 24,27*).

A familiaridade com a *Palavra de Deus* nasce da relação, da procura do rosto de Deus nas Páginas Sagradas. A Escritura não nos oferece conceitos, mas experiências, não nos imerge apenas num texto, mas abre-nos ao encontro com o Verbo da vida, decisivo «para ensinar, persuadir, corrigir e formar segundo a justiça, de modo que o homem de Deus seja perfeito, bem preparado para todas as boas obras» (*2Tm 3,16*).

Como fundo, há uma grande luz: há quem veja um pôr-do-sol, evocando *Lc 24,29*; nós preferimos ver o «sol nascente» (*Lc 1,78*) que, em Cristo ressuscitado, anuncia a aurora de uma nova missão destinada a todos os povos: «Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura» (*Mc 16,15*).

Os discípulos

«Dois dos discípulos de Jesus iam a caminho» (Lc 24,13). Nos dois discípulos, Lucas vê o rosto de todos os crentes. A atenção à reciprocidade entre masculino e feminino levou alguns exegetas a ver nestes dois discípulos um casal, identificando o discípulo anónimo com a mulher de Cléofas.

A luz

Quando o sol já se encaminha para o ocaso, há outra luz que aquece o coração dos discípulos: a luz da Palavra. No gesto eucarístico, ela encontrará a sua plenitude, plenificando a comunhão com o Mestre: «Nesse momento abriram-se os seus olhos e reconheceram-n'O» (Lc 24,29).

Os pés

Jesus Ressuscitado junta os seus passos aos passos do homem e o poder da sua Palavra sabe orientá-los na direção certa, porque «a tua palavra é farol para os meus passos e luz para os meus caminhos» (Sl 119,105). Por isso, eles «partiram imediatamente de regresso a Jerusalém» (Lc 24,33).



Cristo ressuscitado

Com discrição, Jesus coloca-Se no nosso caminho, “põe-Se no meio”, habitando a nossa história, as nossas dúvidas. Ele interpela e escuta quem as guarda no silêncio do coração: «Jesus aproximou-Se deles e pôs-Se com eles a caminho» (Lc 24,15).

A estrela

Apontada por Cristo Ressuscitado, é o sinal da Evangelização: «Eles contaram o que tinha acontecido no caminho e como O tinham reconhecido ao partir o pão» (Lc 24,35).

O rolo

No diálogo entre o Antigo e o Novo Testamento, desvela-se o mistério da salvação. «Começando por Moisés e passando pelos Profetas, explicou-lhes em todas as Escrituras o que Lhe dizia respeito» (Lc 24,27).

O cajado

Franzino e incerto, como todas as realidades humanas, exprime a fragilidade dos discípulos que «pararam, com ar muito triste» (Lc 24,17). Jesus Ressuscitado dá-lhes força com a Palavra «viva e eficaz, mais cortante que uma espada de dois gumes, ...que é capaz de discernir os pensamentos e intenções do coração» (Heb 4,12).

O Logo cruza dois filões artístico-expressivos: o da iconógrafa Ir. Marie-Paul Farran e o do artista contemporâneo Giordano Redaelli.

Irmã Marie-Paul Farran

Nasce a 10 de novembro de 1930 no Cairo, no Egito. Em 1955, depois de uma peregrinação à Terra Santa, profundamente marcada pela experiência vivida, entra no mosteiro das Beneditinas de Nossa Senhora do Calvário, em Jerusalém, no Monte das Oliveiras. Em 1960, o Ir. Henry Corta, dos Irmãozinhos de Charles de Foucauld, inicia as irmãs à escritura dos ícones: não se limita a ensinar as habilidades técnicas, mas aprofunda o sentido de cada fase do trabalho, ilustrando-a através das páginas da Bíblia e a experiência dos seus protagonistas. A “escola” do Ir. Corta encanta a Ir. Marie-Paul de tal modo que a escritura dos ícones passa a ser a sua missão. Ela gostava de dar este testemunho: «Escrever um ícone faz-me mergulhar em Deus e, quando “escrevo Deus”, sinto-me tão imersa n’Ele que vivo experiências dificilmente exprimíveis por palavras». A Ir. Marie-Paul escreveu ícones até 8 de maio de 2019, dia em que Deus a levou a contemplar a luminosidade do seu rosto.

Giordano Redaelli

Depois de uma formação profissional na Escola Gráfica Salesiana de Milão, Giordano especializa-se em gráfica publicitária e artes visuais na Escola Superior de Artes de Castello. Depois da experiência como paginador gráfico e como diretor artístico da revista semanal *Sorrisi e Canzoni TV*, funda o estúdio gráfico “Giordano Redaelli” em Milão e a sociedade “Methodus” em Giussano, trabalhando em vários âmbitos da comunicação. No setor editorial colaborou com importantes casas editoriais. Para as Edições San Paolo paginou vários volumes de arte entre os quais se destacam o *Nuovo Vangelo d’arte* e o *Evangeliário da Misericórdia* para o Jubileu da Misericórdia. A experiência adquirida no setor gráfico abre-lhe caminho para uma exploração na arte contemporânea: de há alguns anos a esta parte tem vindo a expor os seus trabalhos artísticos em várias exposições nas mais importantes cidades europeias.

Índice Geral

Introdução	1
1. A Palavra de Deus em Comunidade	3
1.1. Algumas considerações práticas sobre a Covid-19.....	4
1.2. Rito de entronização da Palavra de Deus durante a Santa Missa.....	7
1.3. Vésperas para o Domingo da Palavra de Deus	10
1.4. Lectio Divina sobre Fl 2,12-18	17
2. A Palavra de Deus em Família.....	24
2.1. Rito de acolhimento da Palavra de Deus em Família	25
2.2. Propostas formativas sobre a Palavra de Deus para os jovens.....	28
2.3. A Palavra de Deus em tempos de Covid-19	30
3. A Palavra de Deus na oração pessoal.....	34
3.1. Ler o Evangelho com o Beato António Chévrier.....	35
3.2. Meditar o Evangelho do III Domingo do Tempo Comum.....	38
3.3. Rezar com a Palavra de Deus?	42
4. Apêndice: Igreja e Palavra de Deus	45
4.1. A Voz dos Padres da Igreja.....	46
4.2. A Voz dos Papas	49
4.3. Catequese e Palavra de Deus à luz do novo Diretório	54
4.4. O Logo	57
Índice Geral.....	60